



Em poucas palavras...

- > *A história do futebol ribeiragrاندense com destaque para o Águia (páginas 2 a 11)*
- > *Tudo sobre o Mercado da Cidade. Sabia que foi aberto ao público há mais de 100 anos? Saiba também quanto custou a obra. (página 13)*
- > *Roteiro ilustrado de monumentos e locais da freguesia da Conceição (páginas 14 e 15)*
- > *Nomes das nossas ruas (página 16)*
- > *Instituições Ribeiragrاندenses: Caixa Económica e Sociedade de Instrução e Recreio (páginas 17 e 18)*
- > *A minha selecção: João Correia, Médio Centro (página 19)*
- > *A lenda da flor do maracujá e o porquê da designação "fruto da paixão" (página 20)*
- > *Memórias da minha terra na forma poética de Fernando Soares Silva (página 20)*



P a u l o M i r a n d a

Poema gnóstico inspirado nos antigos mistérios gregos e na teoria bissexual do ser humano, em que a deusa Diana, ou Deméter se revela nua aos iniciados. Diana representa a Consciência mística, enquanto o iniciado é o símbolo do Homem em demanda da Sabedoria transcendente. Diana simboliza ainda a alma do universo e a natureza feminina escondida dentro de cada homem. Da união do iniciado com a sua Diana (a sua natureza feminina oculta), o homem torna-se andrógino e portanto atinge alquimicamente a perfeição divina e a suprema beatitude.

Anasyamene

Vem sem vestes ó Diana;
recôndita deusa antiquíssima;
mulher oculta que é vida em nós,
liberdade, fogo ritual que purifica.

Vem mãe tenebrosa primordial;
erguer cósmico dos Mistérios profundos;
das iniciáticas revelações do Ser,
da aurora que em nós desponta.

Vem sem vestes ó Diana;
verdade última das coisas impronunciáveis,
nudez informe de luz e amor.

Vem sem vestes ó Diana;
celebrar o alto Mistério em nós,
a revelação última das coisas.

Em busca do Águia I: Memória escrita

Dedico estas notas ao meu amigo **Viriato Tavares Moreira**. Para o estudo aprofundado dos clubes ribeiragrandenses de futebol, cuja existência é confirmada por documentação da Associação de Futebol de São Miguel, da Liga Desportiva Micaelense, da Liga Desportiva Ribeira-grandense e da imprensa da época, falta-nos documentação. Necessário seria indagar sobre os fundos dos clubes de Ponta Delgada, Vila Franca do Campo e Lagoa com quem os da Ribeira Grande mantiveram relações desportivas. Neste pequeno trabalho, pretendemos confrontar dados sobre o futebol exumados à imprensa local com os recolhidos no Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel. Cotejámos igualmente aqueles com os veiculados pela tradição oral. Apesar de termos recolhido documentação oral sobre, entre outros, o *União Campestre*, os *Vingativos*, ou ao *Rambóia*, deixaríamos a sua divulgação para outra ocasião. Pretendeu-se, antes de avançar para os aspectos sociológicos do desporto, estruturar a cronologia dos dados actualmente disponíveis sobre o Águia, Estrela, Artista e demais clubes citados.

Relance: Contexto da ilha

Em 1920, a imprensa de Ponta Delgada anunciava com certa frequência partidas de futebol entre equipas de futebol daquela Cidade e equipas forasteiras: 'Vão degladiar-se *Sport Club Terror* e o *Team Brasileiro* (*Correio dos Açores*, 21 de Novembro de 1920).' Ainda naquele ano, realizavam-se danças no *Club União Micaelense* (*Correio dos Açores*, 8 de Junho de 1920). Na Ribeira Grande, por seu turno, no polivalente salão dos Bombeiros, havia espectáculos de 'animatógrafo' (*Ecos do Norte*, 10 de Julho de 1920). A 13 de Abril de 1921, o *Correio dos Açores*, divulgava o programa da 'Aliança Ribeira-grandense', iniciativa do Cónego Cristiano, destinada a 'tratar de organizar uma força política no concelho, estranha aos partidos e destinada a conquistar todas as regalias e de o fazer gozar todas as vantagens, a que a sua riqueza e importância têm direito.' O *Correio dos Açores*, de 20 de Novembro de 1921, dedicava atenção a um foco 'pneumónico na Ribeira Seca'. O mesmo jornal, mas de 17 de Fevereiro, refere a criação da Fábrica de Fiação que iria ser montada na Ribeirinha. A 23 de Abril, ainda o mesmo jornal, anunciava uma partida entre as primeiras e segundas categorias do *Instituto de Educação Física*. E a 7 de Maio daquele ano, ainda o mesmo jornal, anunciava uma partida de futebol entre o grupo infantil *Esperança* e a segunda categoria do *União Sportiva*. O de 7 de Junho, referia que o recém criado *Sport Club Luzitania*, de Vila Franca do Campo, mudara o nome para *Sport Club Vilafranquense*. O de 22 de Julho, dá conta de que se jogava na via pública, onde se incluía as jogatanas defronte dos próprios Paços do Concelho de Vila Franca do Campo! O de 30, refere jogos nos Mosteiros. O de 4 de Outubro de 1922 fala da estreia do *Santa Clara Foot-ball Club*. O de 14 de Novembro, por seu lado, dá conta de novas equipas de futebol criadas nas freguesias do Concelho de Ponta Delgada, tais como: nos Ginetes, nos Arrifes e na Fajã de Baixo. A 18, sempre no

referido diário, regista-se o nascimento do *S. Pedro Foot-ball Club*, na Calheta. Ou um novo clube, de nome *Automóvel Futebol Club*, fundado por condutores profissionais. (*Correio dos Açores*, 25 de Novembro de 1922). O *Correio dos Açores* de 30 de Dezembro de 1922, diagnostica o estado de saúde do futebol em Ponta Delgada, referindo a certo trecho: '(...) campos de foot-ball conhecemos dois: o do Liceu e o Açores, ambos maltratados e sem nivelção, não correspondendo, de forma alguma às condições necessárias para que os jogos se realizem devidamente. (...) não há uma associação de Foot-Ball, mas apenas grupos dispersos de amadores que, na nossa humilde opinião, praticam pessimamente este género de desporto, por falta de treino, na maioria dos casos, e também por desconhecimento das regras do jogo, por cegueiras da emulação e demasiadas ambições de hegemonia (...)' É neste preciso contexto que surge, na Ribeira Grande, o *Açor Foot ball Club* (*Correio dos Açores*, 26 de Janeiro de 1923). Entretanto, a 14 de Abril de 1923, era lavrada a primeira Acta da Associação de Futebol de São Miguel. Na de 21, enumera-se os clubes fundadores: *Club União Sportiva*, *Instituto de Educação Física*, *Santa Clara Foot-Ball* e *Operário Sport Club*. A Câmara Municipal de Vila Franca do Campo, entretanto, 'retirou, muito acertadamente, a licença que tinha concedido a um club sportivo para partidas de foot-ball no Aterro, passeio que agora no Verão é muito frequentado, além de que o trânsito estava interrompido durante o jogo, o também era prejudicial ao público' (*Correio dos Açores*, 21 de Junho de 1923). Funda-se o *Sports Club Atlético Micaelense*, de Ponta Delgada (*Correio dos Açores*, 4 de Outubro de 1923). Funda-se do mesmo modo o *Futebol Clube União Micaelense*, cujo primeiro Presidente foi Horácio Teves (*Correio dos Açores*, 4 de Agosto de 1923). Em Outubro de 1923, os *Club Atlético Micaelense*, *Operário Sport Club*, *Club União Sportiva* e *Santa Clara Foot Ball Club*,



Primeira fotografia conhecida do Águia Sport Club (*Diário dos Açores*, Maio de 1933)

são declarados membros da Associação de Futebol de São Miguel (Acta da AFSM, 17 de Outubro de 1923). O *Correios e Telegrafos Foot Ball Club* surge em 1923 (*Correio dos Açores*, 15 de Novembro de 1923). O *Correio dos Açores*, de 11 de Janeiro de 1924, anunciava ser intenção da Associação de Futebol de São Miguel reformar os seus estatutos. O *Sport dos Açores*, de 15 de Abril, dava para breve a deslocação a Vila Franca do Campo da 2.ª categoria do *Club União Sportiva*. E acrescentava-se: 'Visto ser este o primeiro desafio de foot-

ball que se realiza naquela Vila está despertando grande entusiasmo tanto mais que o *União* possui elementos de valor na sua 2.ª categoria do *Club União Sportiva*.' E, para a Lagoa, o mesmo jornal, em Março de 1924, revelava a intenção de aí se 'fundar um Club de foot-ball para o que contam com a adesão dos principais habitantes da mesma.' E mais um clube, que teria o nome de *Sporting Club S. Miguel*. Em Vila Franca, os desportistas locais, entregam petição assinada por setenta vilafranquenses. Pedem um

campo de jogos (*O Sport dos Açores*, 24 de Maio de 1924).

Este mesmo jornal, em Abril de 1925, noticiava que em Vila Franca do Campo, o campo de jogos iria ser uma realidade. O articulista desabafava: 'era verdadeiramente lamentável ver-se os nossos rapazes, aos domingos principalmente, metidos em clubes e em cafés em vez de estarem a gozar o ar puro e saudável dos campos de Sport.' O *União Sportiva*, de Ponta Delgada, sagra-se campeão dos Açores (*Açoriano Oriental*, 10 de Março de 1928).

Açor Foot-ball Club II

A 29 de Abril de 1923, logo após a fundação da Associação de Futebol de São Miguel, o *Correio dos Açores* dava à estampa o teor de telegrama do correspondente na Ribeira Grande, de 27: 'grande entusiasmo nesta Vila pelo desafio de foot-ball que terá lugar no próximo domingo entre as primeiras categorias do União e do Açor Sport Club [sic].' O Armazém do Povo fez publicitar no *Correio dos Açores*, de 1 de Maio, que vendia as leis do jogo do Futebol, traduzidas do inglês. A 12 de Junho, no mesmo jornal, noticiava-se que o Açor havia empatado a duas bolas com o 5 de Outubro. E comentava-se: 'Não se jogou foot-ball, mas sim o jogo do empurrão e rasteiras. A atitude do team de Ponta Delgada deixou a desejar. É preciso mais prudência e melhor combinação.' E o de 21 de Junho, dava o Açor como vencedor por 4 a zero frente ao Oriental da Fajã de Baixo. Arbitrara o Sr. Fábio Vasconcelos, que, lá se dizia, fora recto. Era a segunda vitória do Açor. Portanto, o Açor, tendo defrontado e perdido com as melhores equipas de Ponta Delgada, as que estavam na Associação, voltara-se, talvez para rodar a equipa, para outras mais acessíveis. Assim, no dia das Cavalhadas, conforme o *Correio dos Açores*, realizar-se-ia um jogo entre esta equipa e o Vitória, de Ponta Delgada.

No dia 15 de Agosto, numa quarta-feira, havia-se realizado, conforme o correspondente do *Diário dos Açores*, de 26 de Agosto de 1923, um jogo de desforra entre o Açor e o Praia, com o resultado favorável ao primeiro de 3 a 1. Deste modo, surge, logo após o Gaspar Frutuoso e o Açor, um novo clube ribeiragrândense: o Praia Sport Club. Por documento enviado à Associação de Futebol de S. Miguel por Luís da Silva Melo, um dos primeiros praticantes da modalidade, depreende-se que seria constituído por atletas oriundos das 'classes baixas locais,' residentes nas vizinhanças da rua do Estrela. Seria a área de recrutamento preferencial do Águia. A área dos alcunhados de 'tarraços'.¹ O comentador escreveu: 'o jogo decorreu com certo interesse, apesar de que já se têm realizado 'matches' com melhor combinação de ambos os grupos. O 'Praia' apresentou-se no campo com falta da sua 'ponta direita', que estava doente, o que danificou bastante o jogo. A arbitragem esteve a cargo do Sr. Fábio Moniz de Vasconcelos que foi recto.' O *Correio dos Açores* do dia 24, regista o resultado de 4 a 1 e refere a partida, não como de

desforra, mas de desempate. E informava: 'Os jogadores, que a princípio se mostraram falhos de combinação, conseguiram bater-se lealmente, sendo marcado contra o Praia 8 corners, 4 penalties e contra o Açor 4 corners e 1 goal. O Açor estava num dos seus dias bons.' O Praia já existia em Agosto de 1923.

Em Setembro daquele ano, aparece nova equipa na Ribeira Grande, o Estrela Foot-ball Club (*Correio dos Açores*, 14 de Setembro de 1923). Naquele mês, de acordo com o *Correio dos Açores*, de 23, noticiava-se novo encontro entre o Oriental, da Fajã de Baixo e o Açor, no qual se verificara, desta vez, um empate. Vale a pena transcrever a crónica do jogo: 'Ao princípio o jogo mostrou-se sem fases que entusiasmassem; somente algumas bolas que o Açor perdeu por falta de remate e talvez devido ao nervosismo do seu central, alguns jogadores do Oriental nunca souberam onde ficavam os seus lugares, pois que se amontoavam, prejudicando por isso muito os seus próprios parceiros. No entanto, sempre conseguiram empatar 1 a 1, havendo a mencionar uma infinidade de bolas fora, dezenas de encontrões (no que são exímios os da Fajã) pouco remate da parte de alguns jogadores de cá, e a grande sorte com que estava o Oriental, que sempre conseguiu meter uma bola por obra e Graça.'

O Açor defronta o Operário, de Ponta Delgada (*Correio dos Açores*, 13 de Outubro de 1923). O de 16 de Outubro, diz: 'no match que teve lugar domingo na Ribeira Grande, entre o Açor Foot-ball Club e a 2.ª categoria do Operário Sport Club ficou este vencido por 2 bolas contra três.'

O *Correio dos Açores*, de 25 de Outubro, refere-se em mais detalhe ao jogo que o Açor havia vencido por 3 a 2: 'Operário Sport Club de Ponta Delgada realizou, no último domingo, uma excursão a esta vila, que decorreu no meio do maior entusiasmo. Pelas 2 horas da tarde, teve lugar um renhido desafio de foot-ball (...) que terminou pela vitória do Açor por três goals a dois. Ambos os teams desenvolveram bom jogo, decorrendo o desafio sem o mais leve incidente desagradável, pois todos os players, foram de uma correcção digna de maiores elogios, e que com muito prazer registamos. A arbitragem, que esteve a cargo do distinto back Audifaco foi enérgica e imparcial, podemos mesmo dizer sem receio de desmentido que nunca na Ribeira Grande se arbitrou tão bem uma partida de foot ball.

O Operário veio acompanhado pela sua direcção, de que é mui digno presidente o hábil guardalivros da Companhia de Seguros Açoriana o Sr. Trindade Pereira.² A forma por que tudo decorreu deixou nos habitantes desta vila a mais agradável impressão, sendo os jogadores e demais sócios do Operário saudados pelo povo à despedida com muitos vivas e hurras. Felicitamos aquele clube, formado por gente correcta e disciplinada, pelo brilhante êxito da sua excursão.'

E o Açor retribuiu, indo ao campo do Liceu, defrontar o Operário (*Correio dos Açores*, 31 de Outubro de 1923). Seria das primeiras saídas desta equipa. O Açor defronta o Praia (*Diário dos Açores*, 16 de Novembro de 1923). E derrota-o por 1 a zero (*Diário dos Açores*, 23 de Novembro de 1923). A 30 de Novembro, *Correio dos Açores*, um dia após a entrada de pedido de filiação do Praia na Associação de Futebol de São Miguel, aquele jornal regista um empate entre esta equipa e o Açor. Em jogo realizado no último domingo, na avenida Luís de Camões. Para nós constituiu um mistério o facto de ter sido o Praia e não o Açor a candidatar-se à Associação de Futebol, já que o Açor, até então, provara ser a melhor equipa da Ribeira Grande. O jornal *A Terra*, de 29 de Dezembro, na sua secção desportiva, comentava que no Domingo passado o Açor Foot-ball Club havia vencido por uma bola a zero a segunda categoria do Santa Clara Foot-ball Club, o mesmo que havia empatado a 16 com o Praia. Nada mau. Este Santa Clara participaria na Associação. O cronista, indo muito além da simples crónica, discorre acerca do estado do futebol na Ribeira Grande: 'A concorrência foi sem exagero a mais numerosa que temos visto afluir ao campo do jogo, o que é um sintoma muito animador do interesse que o foot-ball vai despertando no povo da Ribeira Grande. Lamentável é que o público no meio das estridentes manifestações partidárias, dirija imprecisões injuriosas aos adversários nossos visitantes. Postos os jogadores em campo, notamos com um certo pesar que o Açor todas as vezes que joga em desafios de certa responsabilidade, fá-lo com elementos novos sem preparação física suficiente e sem táctica de conjunto alguma. E os que ficaram do grupo anterior, aparecem ocupando posições completamente antagónicas das precedentes. Foi o Açor o primeiro club de foot-ball fundado nesta vila por elementos provenientes de classes que podiam



Luís Melo - Praia Sport Club

sem custo e deviam por uma questão de capricho e de brio, mante-lo fortemente organizado e em condições modelares de aperfeiçoamento. Mas o Açor, da maneira como se mantém e caminha sem organização adequada, sem ministrar a preparação física e treinos indispensáveis, breve atingirá o seu desastrado termo. Notamos a falta de uma entidade competente e que animada do verdadeiro espírito sportivo, dirija os jogadores, fazendo por lhes inculcir o estímulo e o espírito de disciplina. E o Açor possui entre os seus associados, elementos de incontestável valor, que aproveitados e dirigidos com habilidade e competência, dariam um team excelente (...) Terminou o encontro em boa ordem ficando o Açor vitorioso por 1 a zero. É talvez a mais oportuna ocasião que se oferece ao Açor, depois de ter vencido a mais forte segunda categoria de foot-ball de Ponta Delgada, para se organizar convenientemente com alma e boa vontade (...). Assinado: Um

ribeira-grandense. De facto, o Açor, talvez pelos motivos apontados pelo 'ribeira-grandense, para alguma mágoa do mesmo, não se filiara na Associação de Futebol de São Miguel.

Ainda a *Terra*, mas de 5 de Janeiro, noticia que o Açor vencera, no primeiro dia do ano, por 3 a 1 o Praia. E analisa o desempenho desportivo do Praia e do Açor: 'Este (o Praia), muito recente na sua fundação, tem feito alguns progressos, não obstante as inúmeras dificuldades que tem encontrado no aperfeiçoamento dos seus jogadores. Todavia, com a recente e acertada nomeação dum capitão geral, é uma segura garantia de que em breve poderemos contar com no Praia um forte grupo futebolista. O Açor, mais antigo do que aquele não tem progredido como era de esperar não obstante os diligentes esforços do seu capitão geral, o que será talvez devido à substituição (...) de jogadores no seu onze.' E mais adiante, mais uma vez 'um ribeira-grandense',



Segunda fotografia conhecida do Águia e a primeira do Ideal: gémeos rivais (Outubro de 1933)

desabafava: 'Era nosso desejo vermos estes dois teams trabalhar conjuntamente sem as rivalidades acérrimas que só redundam em prejuízo do sport.' E assim se faria pouco depois. No *Correio dos Açores*, de 6 de Maio de 1924, o *Liberal*, novo clube de Ponta Delgada, da categoria infantil, em jogo de estreia, defronta na Ribeira Grande o *Açor* com quem perde por 3 a zero. O cronista escreveu que: 'o *Açor* jogou com a máxima correcção e muito embora o seu peso fosse muito superior ao do team infantil, não se registou uma única penalidade por deslealdade contra aquele club. Apenas não deixaremos de aconselhar o meia defesa direito do *Açor* a ser um pouco mais correcto e o seu avançado ponta direita a colocar-se menos off-side. O seu avançado centro, que tem excelentes qualidades, usa contudo muitos dos truques das mãos, o que prejudicou bastante o seu onze (...)' No *Correio dos Açores*, de 7 de Maio, anuncia-se a deslocação do *Açor* a Ponta Delgada para defrontar, em jogo de retribuição, o *Liberal*. O produto das entradas destinava-se a custear as despesas com o 'raid' aéreo Lisboa-Macau.

A Fundação do Praia Sport Club Praia

A 24 de Agosto de 1923, como

vimos, de acordo com o *Diário dos Açores*, já existia uma outra equipa ribeiragrandense: o *Praia Sport Club*. Nada refere, porém, acerca da data exacta da sua fundação. Todavia, no mesmo periódico, noticiava-se que no dia 15 de Agosto, o *Praia* havia defrontado e perdido em jogo de desforra por 3 a 1 contra o *Açor Foot-ball Club*.

Praia Sport Club: entrada na Associação de Futebol de São Miguel: 1923/24

A Associação de Futebol de São Miguel fez constar no *Correio dos Açores*, de 25 de Novembro de 1923, que os clubes não-filiados que quisessem participar nos campeonatos das primeiras, segundas e terceiras categorias, deveriam filiar-se até ao dia 29 de Novembro. A um dia de findar o prazo, Luís da Silva Melo, Presidente do *Praia Sport Club*, 'morador na Ribeira Seca, na qualidade de Presidente da Direcção do *Praia Sport Club*, desta Vila, propõe a filiação do mesmo club nessa Associação.' A sede era na rua do Estrela, o campo seria a Praça Pública das Reses e as cores da equipa seriam: Amarelo e (verde) azul. Na mesma ocasião envia uma relação dos jogadores: Manuel da Silva Câmara Junior, capitão, João Teixeira, Artur da Silva Câmara,

Manuel da Silva Castanha, Mariano Carreiro, Leonel da Ponte, Humberto da Silva Câmara, Manuel da Costa, António de Amaral, José Carvalho Santo e José Vieira. É de primordial importância examinarmos de perto esta nova equipa. Ao contrário dos 'Casacas' ou 'Chapéus' da rua Direita, conotados com a burguesia ou o resto aristocrático da terra, o *Praia*, presidido por 'um Caneta', alguém da burguesia, é recheado por jovens oriundos das 'classes baixas'. Manuel, Humberto e Artur da Silva Câmara, trabalhavam no ramo da panificação. O pai deles, Manuel, jogara nas primeiras equipas da terra, conforme vimos no primeiro artigo desta série. Sobretudo os irmãos Câmara, são responsáveis pela manutenção do *Águia Sport Club*, como a seu devido tempo, veremos. No fundo, a tradição oral que circula, de que o *Águia* teria vindo do *Praia*, em parte, confirmar-se-á pelo papel desempenhado pelos irmãos Câmara. Em parte, porque esta equipa virá do *Açor* e mais tarde do *Pátria*. Apesar de esta última ser constituída pelos elementos do *Águia*, bem como pelo seu equipamento. Terá, como veremos mais à frente, sido um estratagema levado a cabo por Francisco Justino Machado. A 13 de Dezembro de 1923, em novo ofício dirigido à mesma

Associação, Luís da Silva Melo solicitava a anulação da inscrição de José Vieira, segundo ele, por este ter entretanto 'embarcado' para as Bermudas. Em sua substituição, adiantava o nome de Moisés Canário. Caso a Associação não aceitasse a troca, como alternativa, Moisés Canário passaria a suplente, substituindo Jacinto Vilão. Este último, mais Evaristo Botelho e Jacinto Grilo eram suplentes³. Evaristo Botelho fizera parte dos *Gasparinhos*. Seja como for, o *Praia* é a primeira equipa da Ribeira Grande a conseguir filiar-se no novo organismo associativo de futebol. A Acta da Sessão da Associação de Futebol de São Miguel, de 5 de Dezembro, de 1923, escalona do seguinte modo as equipas associadas da 1.ª e 2.ª categorias. Na 1.ª: *Atlético Micaelense*, *Operário*, *União* e *Santa Clara*. Na 2.ª: *União*, *Operário*, *Praia* e *Atlético*. Seria o *Praia* a primeira equipa de fora da Cidade de Ponta Delgada a competir nos campeonatos da Associação. Logo no início da sua existência. E, talvez, para se preparar para a competição que se avizinhava, o *Praia* jogaria no Domingo próximo com o *São Miguel Foot-ball Club*, de Ponta Delgada (*Correio dos Açores*, 6 de Dezembro de 1923). E no dia 6, no mesmo jornal, referia-se que: 'Hoje, no Campo Avenida de Camões desta Vila, houve um desafio de foot-ball entre as primeiras categorias do *Açor Foot ball Club* e o *Praia Sport Club* desta Vila, ganhando este por 2-0.' A 7 de Dezembro, de 1923, o *Correio dos Açores* divulgava o calendário do campeonato. Ei-lo, por interesse óbvio de divulgação, apesar de longo: '2.ª categoria - 1.ª volta - Dia 9 de Dezembro - *União* e *Operário*; 16 de Dezembro - *Praia Sport Club* (Ribeira Grande) e *Santa Clara*; 23 de Dezembro *União* e *Atlético*; 13 de Janeiro - *Operário* e *Atlético*; 20 de Janeiro *União* e *Praia*; 27 de Janeiro - *Operário* e *Santa Clara*; 3 de Fevereiro - *Praia* e *Atlético*, 10 de Fevereiro - *União* e *Santa Clara*; 2.ª volta - 17 de Fevereiro - *Atlético* e

Santa Clara; 24 de Fevereiro - *Praia* e *Operário*; 3 de Março - *Atlético* e *União*; 10 de Março - *Santa Clara* e *Praia*; 31 de Março - *Atlético* e *Praia*; 7 de Abril - *Santa Clara* e *Operário*; 14 de Abril - *Praia* e *União*; 21 de Abril - *Atlético* e *Operário*.'

A 15 de Dezembro, o *Diário dos Açores* anunciava a partida entre o *Praia* e o *Santa Clara*, para o dia seguinte, no campo do Liceu, pelas 13:30, sendo árbitro nomeado o Sr. Mário Duarte. Mas, para fazer face às deslocações ao campo de jogos do Liceu em Ponta Delgada, o *Praia* pede apoio à Associação que, em Acta da sua sessão, de 19 de Dezembro, aprova um subsídio para o *Praia Sport Club*, no montante de vinte e cinco escudos.⁴ Entretanto, estreara-se a 16 e com um promissor empate a uma bola (*Correio dos Açores*, 18 de Dezembro de 1923). Não obstante o jogo ter sido fraco, como se costuma dizer em circunstâncias semelhantes, a estreia teria sido auspiciosa. Além do mais a jogar no *reduto do inimigo*. O comentador escreveu: 'resultando o goal do *Praia* dum penalty. Jogo fraco.' O *Correio dos Açores*, de 29 de Dezembro, anunciava para as 10:45 o jogo entre o *Operário Sport Club* e o *Praia Sport Club*. Seria árbitro o Sr. José Rodrigues. A *Terra*, de 30 de Dezembro, anunciava para aquele dia, o mesmo jogo, referindo que o *Praia* 'tão boa impressão deixou do seu desafio com o *Santa Clara*.'

Praia Sport Club: fracasso na Associação de Futebol de São Miguel: 1924

O *Praia Sport Club*, contudo, a fazer fé no *Correio dos Açores*, de 26 de Fevereiro de 1924, desiste do jogo com o *União Sportiva*. Perde por 3 a 2 com o *Clube Atlético Micaelense* (*Correio dos Açores*, 18 de Março de 1924). No *Diário dos Açores*, de 21 de Março, referindo-se à mesma partida, o cronista comentou: 'O desafio, em que se fez bom association e que decorreu com a maior correcção por parte dos jogadores e dos

Primeira Direcção do Águia



Francisco Justino Machado
1º Presidente - 1929



Hermano Faria
Vice-Presidente - 1929



José Teixeira Moreira
Vogal - 1929



Viriato Madeira
Delegado do clube

partidários, terminou pelo triunfo do Club Atlético Michaelense por 3 bolas a 2. Ambos os grupos trabalharam com vontade, notando-se um ligeiro domínio do grupo Atlético. A arbitragem foi conscienciosa e imparcial.'

Em artigo intitulado 'A passada época de Foot-Ball', vindo a lume no *O Sport dos Açores*, de 23 de Agosto de 1924, o articulista identificado pela inicial A., desabafava: '(...) a direcção transacta da nossa Associação alguma coisa fez de bom, apesar de muita gente julgar o contrário. Já o pouco que ela fez tem muito valor, porque no começo surgem sempre dificuldades. (...) Há porém descuidos que lhe são indesculpáveis como por exemplo o de ainda se não saber qual o campeão de 2.ª categorias (...) é preciso que os clubes encetem a próxima época com divisas sãs para que o foot-ball michaelense possa progredir acompanhando as outras ilhas, e mesmo imitando-as nos seus métodos e nas suas organizações. É mesmo indispensável que os dirigentes dos clubes incutam nos seus onzes a disciplina, para que o público volte novamente a ser atraído e não afastado como se tem notado nestes últimos tempos.'

A época, apesar dos esforços, corra mal à Associação, pois, já em Março, de acordo com o *Açoriano Oriental*, de 15 de Março de 1924, o campo de jogos do Liceu, onde se realizavam os jogos oficiais estava em obras. As competições tinham sido transferidas para o Campo de Santa Clara. Neste mesmo artigo, dava-se conta da saída de um grupo filiado da Associação.

O *Praia* padeceria de todos os males apontados aos clubes de Ponta Delgada mais o de falta de verbas e da rivalidade excessiva entre ele e o *Açor*.

A própria Associação, em Acta de 11 de Março de 1925, reconhece que as receitas são inferiores às despesas, pelo que decidia que 'a diferença seja paga pelo fundo de assistência aos clubes, sempre que tal facto se constate (...)'. Portanto, ao que parece, o problema seria comum a todas as equipas.

Neste contexto, a fim de se tentar de novo, parece-nos aceitável que as duas equipas da Ribeira Grande, *Açor* e *Praia*, apesar da rivalidade, quisessem unir esforços. Da união nasceria o *Águia*, ao que parece, mas não chegaria para formar uma equipa mais forte, como veremos.

Águia Sport Club

Maio de 1924: a fusão do Açor e do Praia leva ao nascimento do Águia Sport Club

O *Correio dos Açores*, de 13 de Maio, divulgava a decisão de fusão do *Praia Sport Club* e do *Açor Foot-ball Club*. Estes clubes, tendo feito um balanço às



Irmãs Câmara: Madrinhas do Águia na década de quarenta

suas forças, decidiram em prol do melhoramento do futebol ribeirão-grandense, fundirem-se.⁵ Nada, porém, referem quanto à designação da nova equipa. Talvez por diplomacia, talvez para se dar alguma continuidade, de *Açor*, ave que simboliza o arquipélago, passa a *Águia*, ave da mesma família, dando-lhe o nome de: *Águia Sport Club*? Nada referem igualmente quanto ao seu elenco directivo. A este respeito tentei indagar junto do Sr. Francisco Inácio Machado, 86 anos, a residir em Beja, cujo pai, Francisco Justino Machado, participou activamente em 1929 na refundação (?) do *Águia* e foi membro da Liga Desportiva Ribeirão-grandense, acerca do assunto, porém, 'não se recorda de nada. Admito que os meus mais de oitenta anos mo tenham feito esquecer'. Seja como for, a 11 de Julho, o *Correio dos Açores* escrevia que a 3.ª categoria do União Sportiva iria à Ribeira Grande jogar com a 2.ª categoria do *Águia Sport Club*. Seria a estreia do *Águia*? Derrotou-o, no dia 13 de Julho, por 3 a 2 (*Diário dos Açores*, 14 de Julho de 1924). A assistência, segundo a imprensa, havia sido numerosa. Do *Açor* e do *Praia*, escolhendo os melhores atletas? A existência deste primeiro *Águia*, segundo os documentos que dispomos, porém, seria

efémera.

II participação na Associação de Futebol de Ponta Delgada: Renascimento do Águia

Só em 1929, em officio de Francisco Justino Machado, datado de 4 de Abril, dirigido à Associação de Futebol de São Miguel, surge de novo referência a um *Águia Sport Club*. Seria este herdeiro do primeiro? Não sabemos. No referido officio, lê-se: 'tendo-se organizado um grupo de football com o nome de *Águia Sport Club*, com sede (provisoriamente) na Rua Conde Jácome Correia, freguezia Matriz da villa da Ribeira Grande e a cuja direcção me honro de presidir, e desejando o mesmo grupo filiar-se na Associação de Foot-Ball de S. Miguel da sua mui digna presidência, venho perante V.Ex.^a solicitar respeitosamente a sua inscrição e pedir o registo das nossas côres que são as seguintes: calção preto, blusa branca e vermelha (metade de cada côr) tendo as mangas as cores trocadas e gola e canhões preto.'⁶ E no mesmo processo, acrescentava-se os restantes membros da Direcção: Vice-Presidente, Hermano da Motta Faria, Secretário, Medeiros Ferreira, Vogais, José Teixeira Moreira e Manuel de Sousa

Pereira e Tesoureiro, Tomás José Ferreira de Viveiros. Tomás Viveiros seria em 1933 coproprietário do 'Estádio do Rosário' e Manuel de Sousa Pereira, seria um dos mais argutos e bem sucedidos dirigentes do *Ideal*. Hermano da Motta Faria participaria na Liga Desportiva Ribeirão-grandense. Como jogadores da equipa: Manuel Barnabé, guarda-redes, José de Sousa Gaspar, capitão, Jaime de Sousa Pereira, Jacinto Santo, Manuel Carvalho, Francisco da Ponte, José da Costa, José Faia, Humberto da Silva Câmara, Francisco da Ponte Rita e Moisés Carvalho. Como suplentes: Mariano Carreiro, Artur da Silva Câmara, António Freire, António Dionísio e João Ferreira. Seriam delegados do clube, em primeiro lugar, Manuel Albano de Medeiros, com direito de voto, em segundo lugar, João de Deus Albergaria, guarda redes do *Açor*, e, por último, Hermano Cabral. Alguns dos jogadores referidos na lista, irmãos Câmara, tinham sido atletas do *Praia*. A 8 de Maio de 1929, o *Águia Sport Club* é inscrito, conforme Acta da Associação de Futebol de S. Miguel, naquela associação.⁷ José de Medeiros Pavão Junior, substituiu Manuel Albano Botelho de Medeiros como delegado junto da Associação de

Futebol de S. Miguel e António Freire deixa de ser jogador passando a suplentes Constantino de Melo e Manuel Caetano.⁸

O *Correio dos Açores*, de 24 de Maio de 1929, na secção Desportos, titula: 'O *Águia Sport Club*, da Ribeira Grande, estreou-se oficialmente contra o *Santa Clara (Novo)*. Um mau jogo de futebol - Um resultado duvidoso.' E adianta: 'Marcou a Associação de Futebol de S. Miguel e muito bem, um jogo entre o *Águia Sport Club* da Ribeira Grande, que há pouco tempo se filiou na Associação e o *Santa Clara (novo)*, que apadrinhou o seu aparecimento ao público da Cidade. O gesto dos dirigentes da entidade máxima dos futebolistas de S. Miguel, facilitando o jogo, foi um gesto que gostosamente aplaudimos. É preciso amparar os novos que surgem cheios de vontade a engrossar as fileiras da causa desportiva. Por tal motivo, felicitamos os representantes da Ribeira Grande pela correcção como se apresentaram no campo e pela maneira disciplinada como aceitaram o resultado da luta. Fazer sport é assim. Antes do jogo os visitantes saudaram com as vivas costumadas a AFSM e os clubes da Cidade. O jogo produzido por ambas as equipas foi muito precário, um jogo falho de intenção, com muito dispêndio de energia sem utilidade e com muito pontapé sem direcção. O *Santa Clara (novo)* é um grupo que não aperfeiçoa a qualidade do futebol que pratica. Não procuram fazer melhor e é pena, porque têm matéria prima para se desenvolverem. Apesar disto, os brancos foram mais team durante toda a partida. O *Águia* nunca jogou vencido e teve mesmo oportunidades de atingir o goal, com justiça, nalguns raids perigosos que realizou. Necessitam de trabalhar com muita vontade e com persistência, mormente no sentido de aperfeiçoamento no domínio de bola, ignorância esta, que todos os jogadores possuem, consistindo a base principal de poderem melhorar as suas qualidades de jogadores. A dentro desta equipa todo o jogador tem o seu lugar definido, não devendo ir ao encontro da bola em corrida desordenada três e quatro homens ao mesmo tempo, como sucedeu neste jogo. O guarda-redes, Manuel Barnabé, foi o jogador que fez o bom resultado que alcançaram. Evidenciou defesas valorosas, marcando notavelmente a sua coragem em mergulhos que executou. Tem defeitos que podem facilmente ser corrigidos. O primeiro goal foi marcado pelo *Santa Clara (novo)*. Saldanha, remata a bola toca nas pernas dum adversário, engana o guarda redes e entra. O goal do *Águia* foi retirado duma grande

Jogadores do Águia



João Soares Albergaria:
elemento vindo do Açor



Manuel Barnabé
guarda-redes:
a partir de 1929



Manuel da Silva Câmara:
o Anjo Protector do Águia



José Faia:
Jogador do Águia

penalidade, por empurrão com as mãos. Momentos antes de findar o desafio, o extremo esquerdo do Santa Clara, envia um centro por alto, a bola bate na parte superior da trave e devido ao efeito saltita e volta ao terreno do jogo. Nesta altura o guarda redes tenta defende-la, tocando-lhe mas não a agarrou e os contrários em massa empurram a bola para dentro das redes, fazendo assim o goal da vitória. Foi um goal um tanto duvidoso pelo facto de a bola ter batido na trave pela frente de cima. Venceu pois o Santa Clara por 2-1. Manuel Maria, Saldanha, Simão e o defesa esquerdo foram os elementos que mais se destacaram. Arbitrou F. Ferreira. A linha do Águia Sport Club era assim constituída: Manuel Barnabé, Manuel Caetano, José Gaspar, F. Carroça, M. Carvalho, Jacinto Santos, Moisés, F. Rita, Constantino Barroso, H. Câmara, J. Grandela. O médio esquerdo, na 2.ª parte, foi magoado casualmente na cabeça. Após o curativo voltou a jogar. O penalty foi marcado por F. Rita. Este F. Rita, segundo testemunhos orais, faria parte do Ideal na altura da inauguração do Estádio do Rosário.

Todavia, a 27 de Julho, é considerada nula a inscrição.⁹ Em ofício de 22 de Setembro daquele ano, como ainda não tivesse estatutos, e pretendia participar no campeonato de 1929-1930, o Presidente, Francisco Justino Machado, indagava, junto daquela Associação, se o Águia podia reger-se pelos estatutos da Associação.¹⁰ Debalde. Ainda em Outubro o *Correio dos Açores* referia a hipótese de equipas da Lagoa e da Ribeira Grade participarem.¹¹ Porém, em Outubro, conforme o *Diário dos Açores*, de 31 daquele mês, anunciava um jogo na Lagoa 'entre o Águia Sport Club, da Ribeira Grande e uma selecção da Lagoa para o 'próximo Domingo.' O Águia havia escolhido para sua madrinha naquela vila, a menina Estrela Borges Garcia. O árbitro seria Manuel Albano Botelho.

Participação na Liga Desportiva Micaelense

Todavia, o Águia Sport Club, tal como o Artista, também da Ribeira Grande, inscrevem-se na Liga Desportiva Micaelense, que surgira após uma dissidência com a Associação. Pelo menos em Dezembro já lá estão.¹² A Liga, conforme *Correio dos Açores*, de 24 de Novembro, autoriza o Club União Micaelense a aceitar o convite do Águia Sport Club para se deslocar à Ribeira Grande. Seria árbitro o Sr. Fábio Moniz de Vasconcelos, árbitro da Liga. No dia 1 de Dezembro, *Diário dos Açores*, de 2 de Dezembro de 1929, o grupo B do Santa Clara havia derrotado por 2-0, na Ribeira Grande, o Águia Sport Club. A 16, o mesmo jornal, adiantava que no dia anterior a 2.ª categoria do Santa Clara ganhara por 1 a 0, na Ribeira Grande, uma equipa local. Não menciona qual. O *Correio dos Açores*, de 28 de Dezembro, refere o Águia, tal como o Artista estão inscritos no Torneio Relâmpago da Liga Desportiva Micaelense. O *Correio dos Açores*, de 31 de Dezembro, informa que 'o Torneio Relâmpago não terminou por falta de tempo, e pelo facto das equipas S. Miguel e Águia Sport Club, da Ribeira Grande, apesar de sucessivos prolongamentos de tempo, não terem marcado goals. O Ponta Delgada foi eliminado pelo Artista Sport Club da Ribeira Grande por 2-0 e o Santa Clara (velho) equipa B, bateu o S. Miguel por 1-0. Na próxima quarta-feira, continua o torneio, jogando o S. Miguel e Águia e o vencedor bate-se na final com o Santa Clara (B).' Além destes, estão inscritos os seguintes clubes de Ponta Delgada: Ponta Delgada Sport Club, Clube Desportivo Santa Clara (B), S. Miguel Atlético Club. O Águia perderia por 1-0 com o S. Miguel Sport Club, que, ao derrotar pela mesma marca o Santa Clara, ganhou o bronze em disputa (*Diário dos Açores*, 3 de Janeiro de 1930). A 8 de Janeiro de 1930, ainda se falava do Águia. O *Diário dos Açores*, regista que o S. Miguel, recente vencedor do Torneio

Relâmpago da Liga, havia derrotado na Ribeira Grande o Águia por 2-0. A nota oficiosa da Liga Desportiva Micaelense, de 24 de Dezembro, divulgada no *Diário dos Açores*, de 10 de Janeiro de 1930, adiantava a composição da II Divisão. Seria composta pelos clubes vencidos no citado Torneio Relâmpago: Águia Sport Club, Artista Sport Club, Ponta Delgada Sport Club e Club Desportivo Santa Clara. O vencedor teria direito a se juntar aos clubes da I Divisão: Club União Micaelense, Club Desportivo Santa Clara (A) e S. Miguel Atlético Club.

O Artista Sport Club ganhou por 1-0 ao Santa Clara (B), em jogo

trarão em breve espaço a regularidade a todas as manifestações de futebol. Parece pois, que as coisas a dentro da Associação de Futebol para onde acabam de voltar o Santa Clara (Velho) e o União Micaelense, pretendem tomar bom caminho. (...) Para comemorar este importante acontecimento, joga-se hoje, pelas 15 horas, um desafio de futebol entre o Santa Clara (Velho) e o União Sportiva (...). Graças aos esforços desenvolvidos por Riley da Motta e Jeremias da Costa, dirigentes da Liga e da Associação, respectivamente. Porém, os jogos agendados pela Liga continuaram. O nível desportivo, no

mesmo prevenindo os responsáveis da Liga, por seu turno, o Artista empatara a uma bola com o Santa Clara (Velho) B. O cronista refere que 'ambos fizeram uma pobre exibição, dando uma impressão dolorosa do seu trabalho individual. A maioria dos jogadores, dos novos, principalmente do Santa Clara, possuem qualidades susceptíveis de se aperfeiçoarem na prática do jogo. Gualberto, Manuel Pedro, Virgínio e o médio direito, são os que mais nos chamaram a atenção. No Artista o meia esquerda Laurindo, avançado centro e extremo direito. O guarda redes do Artista entrou em acção várias vezes,

Agostinho de Melo Garcia, na qualidade de membro da direcção do grupo de futebol "Artista Sport Club" desta vila, participa a V. Ex.ª que se considera desligado de membro da dita direcção, por motivos que me tornam indignado, e que só pessoalmente constará a V. Ex.ª a verdade máscara de tudo que ha passado ultimamente com referencia no sport. Sem outro assumpto sou com estimo e consideração,

*De V. Ex.ª
Att. V. Olego.*

Agostinho de Melo Garcia

disputado na Lagoa (*Diário dos Açores*, 20 de Janeiro de 1930). Veja-se como o mau estado do campo da Ribeira Grande irá condicionar o futuro das equipas locais. O Ponta Delgada derrota o Águia por 3-0 (*Diário dos Açores*, 10 de Fevereiro de 1930). O *Correio dos Açores*, de 2 de Março, de 1930, regozija-se pelo facto de a Liga e a Associação se entenderem: '(...) para que tudo entre nos eixos, que vão ser postos imediatamente em vigor novos artigos do Regulamento, que juntamente com as disposições de detalhes que a futura direcção dum só entidade se propõe publicar,

entanto, a fazer fá nos jornais, deixaria muito a desejar (*Correio dos Açores*, 13 de Março de 1930): 'temos de reconhecer que nesta cidade se pratica em geral mal o association.' E na Ribeira Grande, poder-se-ia acrescentar. Águia e Artista, conforme o *Correio dos Açores*, de 19 de Março, iriam participar na II Divisão da Liga Desportiva Micaelense. Jogariam naquele dia o Águia Sport Club com o Santa Clara (Velho) B e o Ponta Delgada com o Águia. Todavia, segundo o *Correio dos Açores*, de 22 de Março, o Águia 'pretextando doença de jogadores', não compareceu, nem

tendo salvo o seu grupo duma derrota. A melhor fase do jogo foi uma recarga de Raposo às balizas do Artista, saindo fora. Os goals foram marcados, o primeiro pelo Santa Clara, por intermédio de Saldanha, e o do Artista pelo avançado centro, trabalho de Laurindo. Arbitrou Gustavo Moura, que fez a sua estreia oficialmente.' Repare-se que os jogos das equipas da Ribeira Grande, ou são disputados em Ponta Delgada ou na Lagoa. O que se passaria com o campo local? Depois disso, silêncio acerca das equipas da Ribeira Grande. Que teria sucedido? O Águia deixa de

participar na Liga. A Liga Desportiva, em nota à imprensa, referente às sessões dos dias 21 e 28 de Maio de 1930, informa que o *Águia Sport Club*, de acordo com o pedido do seu ex-Presidente, Francisco Justino Machado, fora dissolvido e a sua inscrição anulada na Liga Desportiva Micaelense. Bem como a dos seus atletas. Porquê? A nota é esclarecedora: 'Notificar publicamente os grupos desportivos filiados da Ribeira Grande nos termos em que já anteriormente haviam sido notificados em ofício desta direcção, de que a LDM deixou de deslocar aquela Vila grupos de futebol filiados por virtude de ter sido condenado pelo médico que faz parte desta direcção o único campo de jogos que aquela vila dispõe, quer por não estar nas condições regulamentares pelo seu desnivelamento, medidas e lajes salientes que existem perto de uma baliza, quer, e principalmente, porque servindo este campo habitual e semanalmente de feira de gado, correm os desportistas o grave risco de contraírem infecções perigosíssimas e até mortais. 3.º Prosseguir nas negociações já entabuladas para aquisição de um campo de jogos naquela vila

nas condições regulamentares e com um Hangar de Educação Física para exercícios ginásticos e atléticos dos desportistas inscritos (Correio dos Açores, 3 de Junho de 1930).' Está dada de maneira clara e objectiva, pela voz dos dirigentes da Liga, a explicação para a interrupção da participação do *Artista* e do *Águia* na Liga e de as partidas de Futebol se terem realizado na Lagoa e em Ponta Delgada. Aguardava-se a aquisição de um recinto desportivo adequado, algo que só se verificaria em 1933, mas sob a alçada da efémera Liga Desportiva Ribeira-grandense. Francisco Justino Machado, que pertenceria à Liga Desportiva Ribeira-grandense, enquanto se aguardava o novo campo, terá certamente pensado em aderir à Associação, já que este organismo, aparentemente, não estabelecia como requisito essencial a ultrapassagem imediata das precárias condições do campo das reses? Parece que sim. O campo até 1951, esporadicamente em 1933, seria a causa principal da estagnação do futebol ribeiragrandense. Assim se compreenderá as diferentes atitudes dos dirigentes da Liga, intransigente, e a do Presidente da Associação de Futebol de S.

Miguel, condescendente, quando este último oficia a 22 de Maio a pedir à Câmara Municipal de Ribeira Grande autorização para 'se efectuar jogos na feira do gado desta Vila, bem como autorização para que o *Pátria Sport Club*, desta Vila, realize na mesma feira de gado os seus treinos (...)' A autarquia, Acta de 5 de Junho de 1930, folhas 122, autoriza mas acrescenta: 'devendo os referidos clubes assumir a responsabilidade por quaisquer prejuízos a que deem causa, nomeadamente nos telheiros da dita feira.' Está explicada a causa da mudança da Liga para a Associação. Mas porquê a adopção do nome *Pátria* em vez de *Águia*? Não sabemos.

De novo na Associação de Futebol de S. Miguel: *Pátria Football Club* da Ribeira Grande

Em Abril de 1930, com sede na rua Direita (onde exactamente?) e pretendendo filiar-se na Associação de Futebol de S. Miguel, tendo como Presidente, o ex-Presidente do *Águia Sport Club*, Francisco Justino Machado, surge o *Pátria Football Club*. O calção era preto e a blusa vermelha e branca (metade cada).¹³ Cores do dissolvido

Águia. A 30 de Abril foi aceite a sua inscrição provisória.¹⁴ A 1 de Maio, Francisco Justino pede a inscrição e o registo das suas cores. A 6, é enviada a relação dos jogadores da nova equipa. Que são: efectivos, Manuel Barnabé, Manuel Caetano, Dinis da Silva Bravo, Francisco de Medeiros, José Correia, José da Silva Moço, Francisco da Ponte, Laurino Carreiro, Humberto da Silva Câmara (capitão), Constantino de Melo e José Câmara, como suplentes, José Carvalho Santos, José Gaspar, Moisés Carvalho, José Maroto, José Vieira Faia, António Freitas e Manuel Moniz da Costa. Quase todos do extinto *Águia*.

Conforme a acta n.º 39 da Associação de Futebol de São Miguel, datada de 30 de Abril de 1930, esta associação aceita a inscrição provisória do *Pátria Football Club* da Ribeira Grande e autoriza-o a jogar amigavelmente, no dia 4 de Maio, com as segundas categorias do *União Sportiva*.

Novo jogo ainda em Maio, conforme Acta n.º 41 de 14 de Maio de 1930, da Associação de Futebol de S. Miguel, autorizando o *Sport Club Santa Clara* a 'realizar no próximo domingo, dezoito do corrente, com o *Pátria*

Foot-Ball Club da Ribeira Grande, um desafio amigável no Campo daquela vila, sendo nomeado árbitro o Sr. Manuel de Aguiar Jr. (MFBC)'

A mudança do nome de *Águia* para *Pátria*, terá sido um expediente para possibilitar a uma equipa da Ribeira Grande, ao sair da Liga, pudesse, sem problemas filiar-se na Associação, ou algo mais que desconhecemos? Os jogadores do *Pátria* são os mesmos do *Águia*. Como vimos. Seja como for, este *Águia Sport Club* fundado por Francisco Justino Machado, durara pouco mais de um ano, sendo dissolvido pelo responsável que fundaria com os jogadores do *Águia*, o *Pátria Sport Club*. A época começara e não seria possível ao novo clube participar em provas oficiais, restar-lhe-ia, enquanto aguardasse pela próxima época oficial, ir realizando jogos amigáveis. Por que teria saído o *Águia* da Liga? Porque teria mudado de nome? Continuará, enquanto não se encontram outras provas, assunto por resolver.

Em carta datada de 27 de Maio, redigida e assinada por Francisco Justino Machado, dirigida ao Presidente da Associação, além da referência a peripécias



S. Miguel — O campo de foot-ball na vila da Ribeira Grande

*Luis da Silva Melo, morador na
Ribeira Seca da Ribeira Grande, na
qualidade de Presidente da Direcção
do Praia Sport Club, desta Vila,
propõe a filiação do mesmo Club
na Ribeira Associação.*

*Nome do Club - Praia Sport Club
Sede " " - Rua do Estrela R. Grande
Cores da Equipa - Amarelo e (verde) azul
Campo onde jogam - Praça publica das reses*

Esperando ser atendido, deseja a V. Ex.^a

Saude e Fraternidade

alegradamente motivadas pela falta de policiamento durante o encontro do *Pátria* com o *União Sportiva*, Francisco Justino Machado explica a razão do pedido de auxílio à Associação. O que revela algo da crise que então os clubes viviam e talvez perceber a razão do novo clube ao filiar-se naquela agremiação desportiva: *'Eu sei e lamento a situação que todos os clubes desportistas atravessam, (situação criada pela desunião dos clubes) e que eu não desejo agravar exigindo mais do que se deve exigir e se tal pedido fiz, foi simplesmente pelo que acima digo.'* O clube padecia de dificuldades financeiras, como os demais clubes da ilha, e pretendia que a autarquia nos jogos realizados no campo das reses, enquanto não se construísse um novo recinto desportivo, vedasse o acesso aos peões nas ruas circunvizinhas.¹⁶ Solicitava, ainda, se fosse possível, que qualquer clube que viesse à Ribeira Grande jogar, mercê das dificuldades económicas do *Pátria*, trouxesse três pares de botas para emprestar aos atletas do *Pátria Foot-ball Club*. Francisco Justino solicitava ainda anuência da Associação para que o *Santa Clara* (Novo) se deslocar no dia 1 de Junho à Ribeira Grande. A 25 de Junho, de 1930, a acta n.º 47, da Associação de Futebol, inscreve autorização para o *Clube União Sportiva* se deslocar à Ribeira Grande para disputar jogo com o *Pátria*, no dia 29, dia de Cavalhadas. Ficando o juiz e fiscais de linha a cargo dos mesmos clubes. A 16 de Julho, Acta n.º 51, a Associação autoriza a 1.ª categoria do *Micaelense Foot-ball Club* a ir disputar jogo à Ribeira Grande com o *Pátria*. A 23, acta n.º 52, por seu turno, a Associação autoriza o *Pátria* a ir, no dia 27 de Julho, à Lagoa jogar com uma equipa local. E os encontros, talvez de preparação para época seguinte, continuam a um ritmo regular, desta vez, a Associação autoriza o *Pátria* a receber de novo as 1.ª categorias do *Micaelense* (*Correio dos*

Açores, 24 de Julho de 1930). E, conforme o *Correio dos Açores*, de 13 de Agosto, que divulga o comunicado n.º 42 da Associação, o *Pátria* estaria autorizado a receber, no dia 27, uma equipa da Lagoa. A 8 de Outubro, representantes da Liga e da Associação, assinam acordo que pretendia pôr fim ao dissídio entre ambas. Pela direcção da Liga, entre outros, assina o Presidente, Lúcio Agnelo Casimiro e pela Associação, entre outros, o seu Presidente. A partir daqui silêncio absoluto acerca do *Pátria*. Não terá conseguido cumprir com as novas regras acordadas entre Liga e Associação? À cabeça das quais um campo decente? A autarquia não tinha cumprido com a promessa de novo campo? A acta n.º 3, de 10 de Março de 1931, da Associação, apesar de não mencionar o *Pátria*, poderá dar-nos uma pista. Os clubes dissidentes da Associação que haviam fundado a Liga, haviam sido readmitidos na Associação: *'(...) e como se tenham suscitado dúvidas a esta Direcção sobre a legalidade das inscrições de Clubes e jogadores na presente época desportiva, bem como das provas oficiais pelos mesmos realizadas até à sua posse, em virtude da Direcção transacta publicamente ter confessado haver cometido irregularidades no desempenho das suas funções, de comum acordo com os Presidentes dos referidos clubes (...) foi resolvido por unanimidade julgar válidas as inscrições de Clubes e jogadores, bem como as provas oficiais pelas mesmas realizadas na presente época desportiva (...).'* Este imbróglie teria apanhado o *Pátria* e os demais clubes da Ribeira Grande desprevenidos e explicaria o desejo de a Ribeira Grande ter a sua estrutura desportiva. Algo que iria ser tentado, sem êxito, pela Liga Desportiva Ribeira-grandense. Em declarações à *Gazeta*, de 2 de Maio de 1931, o Presidente da Liga, Agnelo Casimiro apontava as causas da crise: *'a falta de compreensão por parte dos*

Dirigentes do que seja e para que seja a prática dos desportos, deflagrando o desinteresse e a indisciplina dos Dirigidos.' E, como solução, indicava: *'Refundir o Estatuto e o Regulamento da entidade dirigente local; organizar de novo as filiações por forma a evitar a dispersão dos jogadores (...).'* E rematava, com alguma esperança: *'virão melhores dias, mas não nesta época que está a findar. Esperemos por 1931-32, pois tenho fé no amor que todos os que dedicam à causa desportiva nutrem pelo foot-ball.'* Seguir-se-ia, na Ribeira Grande, um hiato de silêncio, quebrado pelo *Águia*, logo seguido por outras equipas. Neste período surgiria o *Ideal*. Segundo Francisco Inácio Machado (Depoimento de 27 de Junho de 2002), o *Ideal* teria vindo do *Artista*, tal como o *Águia* do *Praia*. E (ainda o *Ideal*) talvez também da reunião de elementos do *Estrela*. Informalmente, primeiro, conforme se pode depreender da notícia do *Correio dos Açores*, de 8 de Outubro de 1932: *'Ultimamente tem havido entre nós alguns desafios de Foot-ball, que geralmente terminam em verdadeiras touradas.'* Mas o óbice da falta de campo adequado não tinha sido ainda ultrapassado. Entretanto, da Lagoa, que despertara para o futebol mais tardiamente, com o mesmo problema resolvido, surgiam ecos de jogos. De Vila Franca, silêncio absoluto. Ecos dos Mosteiros, das Capelas e pouco mais.

De novo o Águia: 1932

O *Correio dos Açores* refere-se a clubes da Ribeira Grande.¹⁷ Em 1932, reaparece o *Águia Sport Club*.¹⁸ Em Outubro, estaria já activo. Trata-se de um jogo disputado na Ribeira Grande, entre o *Águia* e o *Futebol Club Esperança*, de Ponta Delgada. O árbitro foi Manuel Albano Medeiros, que organizaria em 1933, por sua conta e risco, o I Campeonato de Vilas e Aldeias. O *Águia* venceu-o por 2-0 (*Correio*

dos Açores, 4 de Novembro de 1932). Por que razão ressurgiu o *Águia* e não o *Pátria*? Não sabemos. Joga, na Ribeira Grande, e com o aval da Associação, com o *Micaelense Foot-ball Club* a 29 de Janeiro de 1933 (Acta n.º 223, 1 de Fevereiro de 1933). Esta acta da Associação de Futebol, confirma que este clube continua activo a 29 de Fevereiro de 1933.¹⁹ A 21 de Abril deste ano, Viriato da Costa Madeira, antigo capitão do *Açor*, é indicado como sendo o representante do *Águia Sport Club* na Liga Desportiva Ribeira-grandense. Mais se reforça o carreado pela tradição oral, de que o *'Águia* veio do *Praia* e do *Açor*'? Mas o *Praia*, ainda a 21 de Abril de 1933, estava representado por Francisco Justino Machado, refundador do *Águia* em 1929. Em Março daquele ano, ressurgiu o *Praia Sport Club* e surge um *União Sport Estrela*.²⁰ O representante deste último na Liga Desportiva Ribeira-grandense, era António Augusto da Mota Moniz, antigo jogador do *Açor*, segundo a tradição oral. Teriam estes elementos, Francisco Justino, António Augusto e Luís da Silva Melo, a fim de disciplinar o desporto na Ribeira Grande, não só feito parte da Liga como feito parte das chefias das novas equipas? O *Ideal*, um recém-chegado, seria a excepção?

Participação no I Campeonato de Vilas e Aldeias

O *Praia Sport Club*, como já referi, no entanto, reaparece em Março juntamente com o *Águia Sport Club*, e surgem o *Grupo Desportivo da Ribeirinha* e o *União Sport Estrela*, todos da Ribeira Grande, a disputar um campeonato de futebol entre as equipas das vilas e das freguesias da ilha.²¹ Que pensar de tudo isso? Que o futebol alastrara à Ribeira Seca e ao Curato da Ribeirinha, lugares próximos da Conceição e da Matriz. Talvez se possa adiantar, face à documentação disponível, que o *Águia*, num primeiro momento estaria ligado ao fim do *Açor* e do *Praia*, mas que, posteriormente, ressurgiria autonomamente? Apesar de já fazer parte da Liga Desportiva da Ribeira Grande, o *Águia*, tal como o *União Sport Estrela* e o *Grupo Desportivo da Ribeirinha*, continuam a disputar o acima referido campeonato. O *Águia* chegaria invicto à final, em Maio de 1933, onde seria derrotado por 4-3 pelo *S. Pedro Futebol Club*, da Lagoa.²²

Campeonato mais de perto

Vejamos mais de perto esse I Campeonato de Vilas e Aldeias de 1933. É provável que tenha surgido para tentar colmatar o espaço deixado vago pela incapacidade ou pela falta de vontade em dar resposta por parte dos organismos oficiais que então tutelavam o futebol em São Miguel, face à proliferação de

grupos por toda a ilha de S. Miguel. Foi promovido fora dela, por quem conhecia bem o futebol fora de Ponta Delgada, Manuel Albano de Medeiros: *'Está sendo organizado um Campeonato de foot-ball entre os grupos das Vilas e freguesias desta ilha, achando-se inscritos os seguintes grupos: Ribeira Grande - Águia Sport Club, União Sport Estrela, Praia Sport Club e Grupo Desportivo da Fábrica da Ribeirinha; da Lagoa - S. Pedro Sport Club; das Capelas - Club Recreio e Instrução Capelense (Correio dos Açores, 15 de Março de 1933).'* E, no mesmo jornal, publicavam-se os regulamentos da prova: *'Os Ribeira-grandenses apurarão o seu representante, o qual disputará com os outros dois clubes o título de vencedor. Este torneio disputar-se-á muito em breve e será presidido por um júri formado pelos presidentes da AF e o Colégio dos árbitros e pelo Sr. António Viveiros. Dois lindos troféus premiarão, respectivamente, o vencedor do torneio e o segundo na eliminatória da Ribeira Grande.'* O *Diário dos Açores*, do mesmo dia, acrescenta pormenores relevantes e dá-nos uma ligeira nota dissonante: está sendo organizado pelo Sr. Manuel Albano Medeiros, nota dissonante, e, a disputa final decorrerá em Ponta Delgada, um artístico bronze para o vencedor com o nome do malogrado Ernesto Pereira e uma taça de prata ao segundo classificado na Ribeira Grande, pormenores. Entretanto, o *Águia Sport Club* preparava-se para a prova recebendo a 19 de Março e perdendo por 1 a zero com o *Micaelense Foot Ball Club* (*Diário dos Açores*, 20 de Março de 1933). Este, de acordo com o mesmo jornal, fizera alinhar alguns reservistas. Manuel Albano fora o árbitro (*Correio dos Açores*, 21 de Março de 1933). E a 4 de Abril, o *Diário dos Açores*, divulgava os primeiros resultados dos jogos disputados: *'realizou-se no último domingo dois encontros de foot-ball: C. União Estrela contra Praia S. Club ganhando este por 2-0; Águia S. Club contra Grupo Desportivo F. da Ribeirinha, ganhando aquele por 7-0.'* O *Águia* estava lançado. Entretanto, nas Capelas, o grupo local, também a participar no Campeonato, não descurava a preparação: perdeu por 2 a zero com o *Club Desportivo Santa Clara* (*Diário dos Açores*, 10 de Abril de 1933). Era preciso rodar a equipa. O *Águia* na segunda jornada cilindrou a sua 'alma mater', o *Praia*, por oito golos sem resposta. Ainda assim, este último, por se classificar em segundo lugar, recebera a Taça de prata Manuel Albano. Marcou-se para o dia 23 de Abril, em Ponta Delgada, como regulamentado previa, o desafio entre o *Capelense* e o *S. Pedro*, da Vila da Lagoa. O *Águia*, como vencedor invicto da Ribeira Grande, ficara apurado para a

Tendo-se constituido um grupo de futebol com o nome de "Praia Football Club" com sede na Rua Direita, Ribeira Grande e desejando filiar-se na Associação da mais digna presidencia de V. Ex.^a venho muito respeitosa-mente pedir a sua inscriçã e o registo das suas cores, que são as seguintes: calção preto, blusa vermelha e branca (metade de cada cor) tendo as mangas as cores trocadas.

Junto envio a V. Ex.^a a relação dos jogadores (efectivos e suplentes) que fazem parte do team para V. Ex.^a ordenar a sua inscriçã.

Com as mais respeitosas saudações, deixo
V. Ex.^a

Manuel Sport

final. O primeiro jogo seria arbitrado pelo Sr. Manuel Cabral e o segundo, o da final, pelo Sr. Manuel Albano Medeiros (*Diário dos Açores*, 13 de Abril de 1933). Entretanto, como vimos em artigo já publicado, a Liga Desportiva Ribeira-grandense ensaiava os primeiros passos. A imprensa local, apesar de o *Diário dos Açores*, ao que parece, ter funcionado como uma espécie de órgão oficial da prova, farejando por certo leitores interessados, segue atentamente a última fase da prova. O *Correio dos Açores*, de 12 de Maio, anuncia para o dia 21 a final no Campo do Liceu pelas 14 horas. A prova é promovida pelo Sr. Manuel Albano e que ao grupo vencedor será entregue a Taça 'Ernesto Pereira'. Presidiria ao encontro os senhores Alberto de Oliveira, José Januário da Costa e A. Viveiros. A *Gazeta*, de 17, acrescenta que os finalistas são o *Águia Sport Club*, da Ribeira Grande, e o *S. Pedro SC*, da Lagoa, e que, a Taça tem estado exposta na vitrine do Sr. M M Botelho, à esquina do Cais. E agradece a oferta de bilhete de ingresso para assistir à desejada final. O *Correio dos Açores*, de 18, a três dias do prélio, volta à carga, recordando o evento e acrescentando que a madrinha do encontro seria Mademoiselle Maria Clotilde de Furtado Pacheco. O *Diário dos Açores*, não querendo porventura ficar atrás, a dois dias da contenda, sem acrescentar nada de novo, relembra a natureza, a data e o local da prova. Um dia antes, é a vez de *O Distrito*, na sua secção *Desportos*, elogiar

Manuel Albano pela iniciativa, e como o dia seguinte coincidia com o mais festejado do ano, prever, erradamente, uma enchente de locais e forasteiros. *O Açoriano Oriental*, do mesmo dia de *O Distrito*, que até então se quedara mudo, deixa-se levar pelo entusiasmo geral e ao noticiário geral divulgado pelos concorrentes acrescenta que Ernesto Pereira, nome da Taça, fora um entusiasta dirigente do *Santa Clara Foot Ball Club* e da Associação de Foot Ball de S. Miguel e esclarece-nos, pelo facto de o escrever por extenso, que o A de A Viveiros corresponde a António Viveiros. No próprio dia do jogo, o *Correio dos Açores*, relembra a contenda. Resultado? O *Diário dos Açores*, de 23, a 22 não saíram jamais, diz: 'Perante regular concorrência

teve lugar no último domingo, o encontro final para o campeonato, inter vilas e aldeias, jogando o *S. Pedro*, da Lagoa e o *Águia da Ribeira Grande*. Ganhou o primeiro por 4-3.' O *Águia* ficara sem troféu. Ao menos o *Praia* alcançara uma Taça de Prata. A *Gazeta* do dia seguinte, repete o mesmo. O *Correio dos Açores*, de 25, alarga-se em crónica é generosa. Titula: 'O campeonato de Vilas e Aldeias foi ganho pelo *S. Pedro F. Club*, da Lagoa por 4-3.' E, entra na crónica: '(...) O jogo só teve de interesse pelo equilíbrio das duas equipas, sendo no entanto o *S. Pedro* mais realizador, devido a ter alinhado *F. Freitas*, que é um bom elemento em qualquer grupo. Foi o melhor dos vinte e dois homens em campo, pois que a maioria deles

nada conseguem fazer que se pareça com futebol. Não tivemos ocasião de apreciar o trabalho de Barnabé, Keeper do *Águia*, um elemento com habilidade para o lugar, por ter tido pouco que fazer. Os goals que sofreu foram todos motivados por erros dos companheiros. O penalty marcado por Freitas não tinha defesa possível. Não concordamos com a atitude de o *S. Pedro* não querer jogar a meia hora suplementar, querendo jogar a final com outro árbitro, que não foi nada justo, pois que o Sr. Manuel Albano foi regular na sua arbitragem, durante os 90 minutos. O goal que invalidou ao *S. Pedro*, proveniente dum livre marcado ao Keeper do *Águia*, por ter dado mais que quatro passos com a bola segura nas mãos, está correcta a sua decisão. Qualquer

livre que não seja da Lei não vale goal entrando directamente.' O facto gerou polémica e ameaçava denegrir a reputação do organizador. E não se ficou por aí, pois, no mesmo título, a 2 de Junho, ainda se falava na ocorrência. M. Aguiar, seu autor, responde a um tal MA, que escrevera na secção desportiva de quinta-feira do *Correio dos Açores*, a reclamar contra a injustiça, e a dado passo, escreve: 'O grande erro que o árbitro teve, sabe qual foi? O de não ter entregue a taça ao *Águia*, quando o *S. Pedro* se negou a jogar.' A 3 de Junho, sempre no *Correio dos Açores*, Manuel Albano defende-se.

Para trás ficara o Campeonato de Vilas e Aldeias, avizinhava-se a inauguração do Estádio do Rosário e o início de um campeonato local. Neste contexto, o *Águia*, certamente, desejando manter e elevar a forma dos seus atletas, pede autorização para defrontar o *Clube Desportivo Santa Clara*, um grupo de maior valia. (Acta n.º 5, da Associação, 4 de Outubro de 1933). A acta n.º 7, da Associação de Futebol, de 18 de Outubro de 1933, a poucos dias da inauguração do Estádio do Rosário, autoriza o *Club União Sportiva* a realizar um jogo amigável na Ribeira Grande. Com quem? Seria com o *Ideal*, o parceiro do *Águia* no jogo inaugural? Ter-se-á realizado depois de 21 de Outubro (*O Distrito*, 21 de Outubro de 1933). Desconhece-se. Tal como estrear o 'Estádio do Rosário' frente ao *Ideal*, o *Águia Sport Club*, empata a duas bolas a derradeira partida de futebol,

Estrela Sport Club



José de Melo Machado
Tesoureiro



Virgílio Botelho
Dirigente do Gaspar Frutuoso

União Ribeiragrandense



Agostinho da Costa Feio
Capitão do União Ribeira-grandense

frente ao *Vingador Nacional Sport Club*, de Ponta Delgada, a 17 de Junho de 1934.²³

A partir daqui só encontramos referência a um grupo com este nome, e para a Ribeira Grande, já que surge um *Águia* nos Arrifes, em 1941.

Águia: Reabertura após sete anos: em 1941

Ressurge depois de 1924 em 1929, e, depois do *Pátria*, em 1930, reaparece em 1932. Depois de 1934, só em 1941, pouco tempo depois do *Ideal Sport Club*: *'desafio de domingo passado [6 de Abril de 1941], embora prejudicado pelo mau tempo, interessou muito. Encontraram-se o Clube Desportivo Santa Clara e o Águia Sport Club, desta vila. O resultado, que foi favorável ao Santa Clara, foi muito honroso para o nosso grupo, que jogava pela primeira vez com um grupo experimentado, conseguindo ainda assim o resultado de 2-3 pontos.'*²⁴

Águia: reabre em 1961

A 29 de Junho, dia de Cavalhadas, numa quinta-feira, o *Águia* reaparece (*Diário dos Açores*, 27 de Junho de 1961), após a experiência frustrada da fusão do *Ideal* e *Águia*, de 1956 a 1961. A Câmara Municipal, pelo facto de o *Águia Sport Club* ter faltado sem aviso prévio ao Torneio de Futebol promovido pelo Governo Civil a favor do Movimento Nacional Feminino, delibera que até ao final da época desportiva não lhe seja cedido o campo de jogos para competições desportivas (*Acta da Câmara*, liv. 87, 12 de Junho de 1963). Pelos vistos o castigo não teria sido aplicado, já que o *Diário dos Açores* de 28 de Junho de 1963, anunciava para o Domingo seguinte um encontro entre o *'Águia Sport'* e o Clube

Desportivo *'O Académico'*, da Ribeira Grande.

Mudança de nome: Benfica Águia Sport: 1963

Tal como o seu rival *Ideal*, o *Águia* mudaria de nome em 1963 e seria admitido na Associação de Futebol em 1965. Tal como o seu rival, tal como quaisquer gêmeos rivais, mudara de *Ideal Sport Club* para *Ideal Futebol Club*, o *Águia* também mudara de *Águia Sport Club*, para *Águia Futebol Club*. Participa, tal como o *Atlético de São Pedro* e o *Ideal*, no Primeiro Campeonato Popular organizado pela Associação de Futebol de Ponta Delgada.

Artista Sport Club: nascimento

Em Abril de 1929, de acordo com a imprensa, além do *Águia Sport Club*, surgem-nos mais duas equipas ribeiragrandenses: *Artista Sport Club* e *Club Oriental*.²⁵

Em documentação enviada em Junho de 1929 à Associação de Futebol de S. Miguel, na qual solicita inscrição, ficamos a saber mais acerca desta equipa. Assim, as cores da equipa eram: calção branco, camisa azul e branca, metade de cada cor. Eram seus directores: Presidente, Manuel Aires Teixeira, Vice-Presidente, João da Ponte, Secretário, Arsénio da Silva Bravo, Tesoureiro, José de Melo Machado e vogais Agostinho de Melo Garcia e Manuel Cabral de Melo. O seu representante na Associação seria Serafim de Viveiros. A lista dos jogadores apresentada à Associação, naquela data, era a que se segue: José Maroto, José Pereira Cabral, Laurindo Carreiro, José Correia de Menezes, Leonel da Ponte Canário, José Borges Pimentel, José da Silva Lopes, Manuel de Sousa, Manuel Jacinto Caçador, José Augusto

União Estrela da Ribeira Seca



António Augusto da Motta Moniz
Representante do União Sport Estrela na Liga Ribeira-grandense

Pacheco, Carlos de Melo Batista e como suplentes, Evaristo Botelho de Paiva, Duarte Bárcia e Deodato Borges Moreira.²⁶

Foi considerado inscrito a 12 de Junho de 1929.²⁷ Todavia, a 27 de Julho, a inscrição é considerada anulada.²⁸ Em Dezembro está filiado na Liga Desportiva Micaelense.²⁹ Apesar da saída do *Águia*, que se terá transformado em *Pátria*, o *Artista Sport Club* permanece. Em ofício anterior, de três de Junho de 1930, a direcção deste clube informou a direcção da Liga de que mudara a sua sede para a rua do Conselheiro João Franco.³⁰ E agradece aos grupos filiados a *'cooperação desportiva que no corrente ano desportivo lhe prestaram.'* Apesar da proibição pela Liga do campo das reses.

Oriental

Em Abril de 1929, de acordo com a imprensa, aparece referido para a Ribeira Grande um grupo denominado *Club Oriental*. O *Diário dos Açores*, de 8 de Abril, diz que *'ontem teve lugar nas Capelas, um encontro de foot ball entre o Club Oriental da Ribeira Grande e o Recreio Capelense sendo o resultado de 5-2 a favor deste. Arbitrou o sr. Manuel Albano.'* Esta equipa, pelo que sabemos, não participa nem na Associação nem na Liga.

Protagonistas da Liga Desportiva Ribeira-grandense

União Sport Estrela

Em 1933, na Ribeira Seca, sendo representante na Liga Desportiva Ribeira-grandense, António Augusto da Motta Moniz, existe o *União Sport Estrela*. Desconhecemos qual o papel de Luís da Silva Melo nesta equipa. Participou no Campeonato de Vilas e Aldeias organizado por

Manuel Albano.

Grupo Desportivo da Fábrica da Ribeirinha

No mesmo ano, mas na Ribeirinha, sendo representante na Liga Desportiva Ribeira-grandense, Manuel de Sousa Oliveira, existia o *Grupo Desportivo da Fábrica da Ribeirinha*. Participou no referido Campeonato de Vilas e Aldeias.

União Ribeira grandense

O grupo *União Ribeira Grandense* estreia-se a 5 de Novembro, já após a inauguração do Estádio do Rosário, contra o *Ideal*, com o qual perde por 5 a zero. Era seu capitão o Sr. Agostinho da Costa Feio. O *Correio dos Açores*, de 10 de Novembro de 1933, registou: *'Fez hoje, 5 do corrente, a sua estreia no novo campo de Jogos, sito no Largo do Rosário desta vila, o grupo União Ribeira Grandense, do qual é capitão o Sr. Agostinho da Costa Feio. Este grupo teve um desafio com o Ideal Sport Club, ganhando este por 5 a 0.'* E, faz uma avaliação da disputa: *'O jogo sem interesse algum, com fraca assistência, e se nos puséssemos aqui a dizer a verdade, aquilo foi tudo menos um jogo. A mania desta gente tanto adultos como rapazes, é jogar ao Foot Ball, treinando-se no coice, perdoem-nos a demasia da linguagem. Não percebemos nada deste jogo que certamente deve ter regras. Foi madrinha do grupo União a menina Celeste do Amaral Dâmaso, interessante filhinha do nosso amigo Sr. Manuel Pereira Dâmaso.'* Esta equipa, a 10 de Dezembro, empata a duas bolas com o *'Sport Estrela'*.³¹ O cronista referiu que: *'devido certamente ao mau tempo, a concorrência foi muito diminuta e o jogo decorreu sem*

interesse. Arbitrou Manuel Barnabé que agradou, tendo o jogo terminado antes dos noventa minutos devido à chuva e com um empate a 2 bolas.' Inaugurara a sede em Janeiro de 1934, tendo o clube um hino composto pelo professor Ilídio de Andrade. Vejamos o relato que do acontecimento fez *O Distrito*, de 31 de Janeiro, de 1934: *'No último domingo, inaugurou solenemente a sua sede o Club Desportivo União Ribeira-grandense. Às 13 e 1/2 horas, formaram à frente do Club, o team, devidamente equipado e a banda Voz do Progresso, para a cerimónia do içar da bandeira, executando a referida banda o hino do Club, da autoria de Ilídio de Andrade. Em seguida, houve sessão solene, usando da palavra o Sr. Francisco Justino Machado, distinto funcionário dos Correios e Telégrafos, que num magnífico improviso, disse do fim daquela festa, da reorganização da Liga Desportiva, do projecto duma outra festa de confraternização inter clubs locais, da correcção dos jogadores, quer com adversários quer com público e fazendo votos para um glorioso futuro do Club, terminou levantando entusiásticos hurrahs, que foram acompanhados e retribuídos pelos jogadores e pela numerosa assistência, ouvindo-se novamente o hino, enquanto o orador era muito cumprimentado. Terminada a festa, partiu o team para o Estádio do Rosário, acompanhado pela Voz do Progresso, que executava um alegre passo-doble e por numerosos amigos, afim de se defrontar com o Águia Sport Club. O encontro decorreu com a máxima correcção, pertencendo o domínio do esférico ao Águia e tendo o porteiro do União brilhantíssimas defesas. Arbitrou esta partida, que terminou por um empate a zero, o nosso prezado amigo Sr. Fábio Moniz de Vasconcelos, que agradou plenamente pelo acerto e imparcialidade. Ao acabar o desafio, foi servido na sede do Club um refresco aos jogadores e à Voz do Progresso, sendo por esta ocasião feitos entusiásticos brindes. Ao club desportivo União Ribeira-grandense desejamos uma vitoriosa e longa existência.'* Não conviria e seria deselegante ao experiente *Águia* derrotar o estreante, seria uma questão de cortesia, pelo refresco e pela ocasião festiva da inauguração da sede.

Não participou no Campeonato de Vilas e Aldeias. E desapareceu após o fracasso do Estádio do Rosário.

Flo condutor

Nas décadas de vinte e de trinta, alguns ribeiragrandenses amantes do futebol, tentaram criar uma equipa de futebol à imagem das que então surgiam em Ponta Delgada. Primeiro surgiu o *Açor*,

depois, o *Praia*, logo seguido do *Estrela e do Artista*. Os dois primeiros ter-se-ão fundido em 1924 no *Águia Sport Club*. Este novo clube, contudo, teria uma existência efémera e sobre ele desconhece-se quase tudo. Quem foram os seus dirigentes? Os seus atletas? Terão sido os atletas e os dirigentes do *Açor* e do *Praia*? Suspeita-se que sim. O *Águia Sport Club* que surge em 1929, pela mão de Francisco Justino Machado, Hermano Faria, José Teixeira Moreira e de outros, seria herdeiro do de 1924? Também não sabemos ao certo. O de 1929 teve sede provisória na rua Conde Jácome Correia, a mesma onde nasceria o *Ideal Sport Club* e alguns membros da direcção eram da elite local. Um até viria a ser dirigente do *Ideal*. Desaparece transformado em 1930, por Francisco Justino Machado, em Pátia, e reaparece em 1932/1933. O *Águia*, ao contrário do que viria a suceder mais tarde, nasceu em berço de oiro esteve, pelo menos por um curto período sediado na Matriz. A territorialização e bipolarização desportiva terão ocorrido mais tarde. Em próximo estudo tentaremos confirmar a seguinte hipótese: à medida que na década de trinta, o *Estrela* o *Artista*, o *União Ribeiragrandense* desaparecem, o *Águia* já sediado na Conceição e o *Ideal*, na Matriz, conseguem captar ou são instrumento de polarização, ou ambas as coisas, das rivalidades entre aquelas duas freguesias. Rivalidades já existentes em relação às bandas de música. Pretendeu-se, nas décadas de vinte e de trinta, ligar com solidez os clubes locais à Associação de Futebol de S. Miguel ou à dissidente Liga Desportiva Micaelense e à Liga Desportiva Ribeiragrandense.

Falhou. Lançaram-se ideias para a construção de novo campo, prometido pela autarquia ainda na década de vinte. Novo falhanço. Na década de trinta, mais precisamente em 1933, ir-se-ia, disputar o campeonato de Vilas e Aldeias, constituir-se-ia uma Liga Ribeiragrandense e construir-se-ia um campo de futebol privado. Ressurgiriam o *Águia Sport Club*, em 1932, o *Praia*, em 1933?, de novo com Luís da Silva Melo, pelo que nos dizem situados ou conotados com a freguesia da Conceição, ou com uma promíscua zona limite entre as rua do Estrela, da Praia e da Vila Nova. Desapareceriam o *Artista* e o *Estrela*, na freguesia Matriz; aparecem, em 1933, o *Grupo Desportivo*, na Ribeirinha e o *União Sport Estrela*, na Ribeira Seca, este pela mão de António Augusto da Mota Moniz. A Matriz precisava de uma equipa: apareceu, ainda em 1933, após estes, o *Ideal Sport Club*, que, segundo alguns informadores, teria resultado da 'reunião de esforços de antigos elementos do *Artista* e do *Estrela*'. Os nossos testemunhos referiram-nos que teria sido fácil obter apoio alegando 'que era para formar uma equipa na Matriz'. Ou então, como vimos anteriormente, teria resultado da circunstância de ter aparecido uma equipa de rapazes, que adquirira equipamento verde e branco diferente dos do *Artista* e do *Estrela*, e que, tendo num primeiro momento, atraído antigos atletas e dirigentes de equipas anteriores, mais tarde, tendo sido identificado 'como o grupo da Matriz', congregaria os esforços de muitos dos naturais e residentes daquela freguesia. Entretanto, já entraria, não temos provas concludentes do que afirmamos, trata-se tão só de uma hipótese de trabalho, um factor

territorial de demarcação social: os 'tarraços' pertenciam à zona confinante do Areal e os demais à 'mestrança' da Matriz. No caso da Ribeirinha e Ribeira Seca, os territórios estariam bem definidos. Algo que seria decisivamente conseguido com o renascimento do *Águia* e do *Ideal* em 1941, mas já iniciado com as duas primeiras partidas ocorridas em 1933 entre ambos. O acto refundador desta rivalidade e decisivo desta sobrevivência, na década de quarenta, é a *boda do carneiro*. Este episódio, marcará também o fim de um certo domínio tutelar do *Águia* sobre o *Ideal*. Mas aí já contam as fidelidades às cores verde e vermelha, quer em Ponta Delgada quer em Lisboa

Agradeço novamente a Abílio Batista, meu amigo e digno Presidente da AFPD, o ter-me permitido consultar o Arquivo Histórico da Associação.

Notas:

- ¹ Não sabemos o que significa, porém, era utilizado de modo depreciativo.
- ² Pai do famoso 'Quim', que pontificou na década de quarenta no *Ideal*.
- ³ Idem
- ⁴ Arquivo da Associação de Futebol de São Miguel, Acta de 19 de Dezembro de 1923.
- ⁵ Correio dos Açores, 13 de Maio de 1924, fl.1.
- ⁶ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, officio de 4 de Abril de 1929.
- ⁷ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, Acta n.º 42, 8 de Maio de 1929, fl. 58, liv.3.
- ⁸ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, officio do *Águia Sport Club* de 18 de Maio de 1929.
- ⁹ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, Acta n.º 58, 27 de Julho de 1929, liv.3, fl. 68.
- ¹⁰ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, officio do *Águia Sport Club*, 22 de Setembro de 1929.
- ¹¹ Correio dos Açores, 11 de Outubro de 1929, fl.1
- ¹² Correio dos Açores, 28 de Dezembro de 1929, fl.1
- ¹³ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, officio do Pátia Football Club.
- ¹⁴ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, Acta n.º 39, 30 de Abril de 1930, liv.3, fl.94.
- ¹⁵ Arquivo da Câmara Municipal de Ribeira Grande, Actas de 29.08.29-18.06.31, 5 de Junho de 1930, fl. 122.
- ¹⁶ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, officio do Pátia Football Club, Maio de 1930.
- ¹⁷ Correio dos Açores, 3 de Junho de 1930, fl.2.
- ¹⁸ Correio dos Açores, 29 de Outubro de 1932, fl.4.
- ¹⁹ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, n.º 23, 1 de Fevereiro de 1933, liv.4, fl.33.
- ²⁰ Correio dos Açores, 8 de Março de 1933, fl.4.
- ²¹ Correio dos Açores, 15 de Março de 1933, fl.3.
- ²² Correio dos Açores, 25 de maio de 1933, fl.4.
- ²³ O Distrito, 23 de Junho de 1934.
- ²⁴ Diário dos Açores, 12 de Abril de 1941.
- ²⁵ Diário dos Açores, 8 de Abril de 1929, fl.1.
- ²⁶ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, documentação do *Artista Sport Club*.
- ²⁷ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, Acta n.º 49, 12 de Junho de 1929, liv.3, fl. 62.
- ²⁸ Arquivo da Associação de Futebol de S. Miguel, Acta n.º 58, 27 de Julho de 1929, liv.3, fl. 68.
- ²⁹ Correio dos Açores, 28 de Dezembro de 1929, fl.1.
- ³⁰ Correio dos Açores, 8 de Junho de 1930, fl.4.
- ³¹ A Razão, 15 de Dezembro de 1933, fl.3.

Rivalidades & Rivalidades

O pobre do José Calheta
usa agulha e *didal*
pr'a remendar as
camisas
do pobre do Ideal

Já comi massa sovada
e as favas estão de
molho
o Ideal ganhou a taça
e o *Águia* ficou com o
olho

(pode ser utilizada pelo rival, caso este ganhe)

Mário Moura

O "Águia Sport Club" da Ribeira Grande, de que sou presidente deusa filiar-se na Associação na época 1929-1930, mas não tem estatutos aprovados oficialmente e por isso venho muito respeitavelmente solicitar a V. Ex.º o favor de me informar com a brevidade possível se pode aceitar a filiação do "Águia" regendo-se este club, pelo estatuto da Associação ou de qualquer club filiado, até ter os seus oficialmente aprovados.

Saud. Sport

O Spray



Quando procedíamos a uma inspeção de rotina com o avião à boca do hangar de nariz apontado a nordeste, naquela calma e serena Santana, chegou-nos à fala pela primeira vez o novo comandante.

A chegada de novos pilotos à companhia não só constituía por essa época acontecimento social como criava alvoroço.

O novo comandante era um tenente-coronel, piloto aviador da Força Aérea Portuguesa, Manuel Chitas de Brito, alentejano do distrito da princesa cidade dos beirais romanos, da vida a arder na prata dos anos, dos feudos e dos ganhões e muralhas a beijar quintais, como poeticamente a canta Antunes da Silva.

Do seu apreciável percurso sabia-se ter sido comandante de esquadra na base aérea quatro, na vizinha ilha Terceira, com a patente de major, onde fora apreciado pela sua humanização, mais respeitado ainda pelo rigor e justeza de carácter, ele próprio

que transportava militares por razões humanas ou familiares, punindo-os severamente quando estes lhe mentiam.

Na fase de adaptação ao novo equipamento da Sata - Doves -, envergando um fato macaco branco, entrou no hangar pediu um avião que de imediato lhe foi fornecido completamente abastecido. Só, voou por horas até ao mar dos Sargaços.

Permanentemente atento a tudo o que fosse segurança, a exemplo nunca entrava a bordo sem fazer a visual dos trezentos e sessenta, era também um homem inquieto com problemas sociais.

As tripulações rotativas por vezes mantinham juntos os mesmos tripulantes por períodos alargados e, assim acontecia acompanhar-lhe por semanas nas intermináveis doze viagens diárias entre Santa Maria, a primeira no rosário das ilhas e o aeródromo de Santana nesta nossa ilha do arcanjo.

Comunicativo e observador sempre olhando o céu, falando de tudo com elevação, tanto dissertava sobre a Casa de S. José, de que fora activo dirigente, das semanas de estudos ou sobre a nova estrutura aeroportuária, que defendia para a actual posição, única, para isso fazendo ensaios e investigação meteorológica, com registos a um século de

distância.

Mantinha aceso e activo diálogo com a manutenção, com a meteorologia ou com o movimento que tinha a incumbência entre muitas, de fazer travagens com jipe nas verdes e bucólicas pistas após enxurradas, a saber quanto a aderência e alongamento, para com segurança melhor utilização dos aviões.

Num mundo completamente oposto, estava o nosso funcionário, Fernando Raposo Soares, nascido por terras da Senhora da Saúde, quando o mundo se gladiava ferozmente. Após escolaridade desce à cidade e entra no mundo do trabalho, é empregado comercial, funcionário de transportadora de colectivos e na década de cinquenta funcionário da Sata via Santa Maria.

Irrequieto e activo, surpreso, viu-se excluído pelo índice de Pignet de prestar serviço militar, ele que era filho de castrense, e que estivera para ir para os pupilos, não lhes perdoou. E assim, quando a ilha enxameada pelos vinte e cinco mil na campanha do ananás, mais um quem daria por isso !?

Raposo pede farda emprestada a um amigo do histórico batalhão nove, o da guerra do caldeiro e de borzequins engraxados, bivaque à banda, cigarro ao

canto, divisas de arvorado qual cabo Sementes do Corpo Expedicionário Português em França, foi para ruidosa festa onde deu nas vistas e amoleceu corações. E naquela saudosa e doce Santana, não lhe passam os anos. Raposo, apaixonado por música e bandas, com um tinteiro de caparrosa com goma arábica à mistura, não fosse o diabo tecê-las apagando as notas em dias de chuva, copiava com velha caneta de pau e na maior ligeireza dezenas de pautas para diversas bandas.

Aos domingos, cuidado a rigor, de risca e "pipe" na sua bicicleta de caixa na corrente, sonora corneta e estridente campanha corria meia ilha à guisa de festas e arraiais. Feliz colava-se a coretos e palanquins a ouvir rapsódias e mazurcas, o sol de algum barítono ou a apreciar o virtuosismo dos regentes.

Nos serviços, Raposo era auxiliar de manutenção, tinha a seu cargo cuidar do interior dos aviões. Um dia, naquele espaço, o necessário ao transporte de não muitos passageiros e poucos tripulantes, com o comandante já a bordo, Raposo dá conta que o spray ambientador tinha acabado. Comprimindo a língua contra os lábios semicerrados começa por imitar o psse-psse-psse do spray. De ar grave, o comandante disse-

lhe para terminar a fim de não saturar o ambiente. De imediato, Raposo pediu licença e saiu. De cabeça enfiada nos ombros, passo estugado, vendo todos sem olhar para ninguém, refugiou-se no terminal.

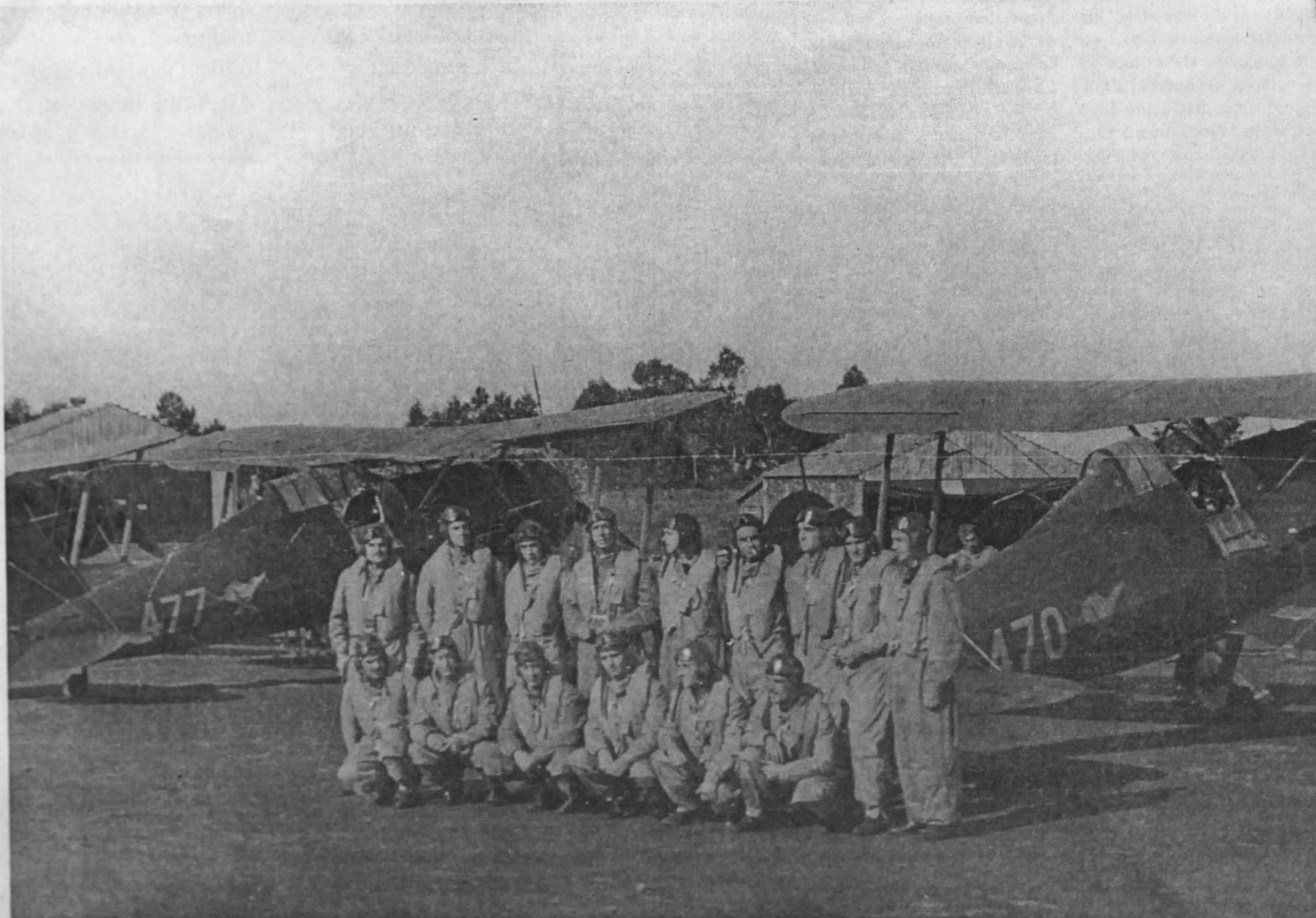
Nunca tinha usado com tanta autoridade o seu nome de "Raposo".

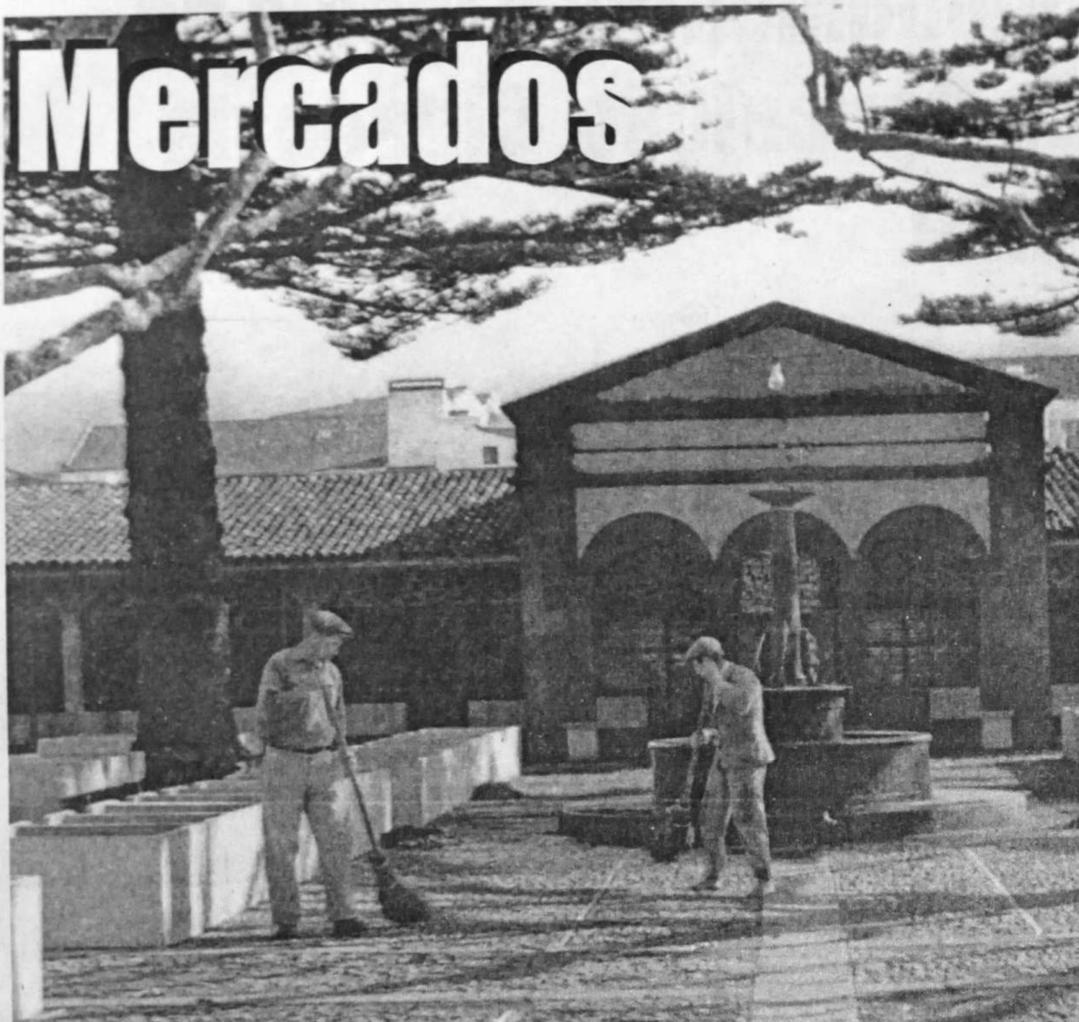
Tempos de tanta saudade.

Voaram anos, um filho do comandante Chitas de Brito é agora comandante na linha internacional da Sata. Há algum tempo teve uma deferência com um filho meu, de Lisboa para os Açores. De imediato agradeceu a gentileza e pedi para apresentar cumprimentos ao pai, senhor comandante Manuel Chitas de Brito, a residir em Pedrouços, com quem tive a honra de conviver e acompanhar por um sem número de horas voadas no céu dos Açores e no histórico aeroporto de Santana.

Fernando Raposo Soares, meu velho amigo, reside em Ponta Delgada, com os seus oitenta e muitos. A idade não lhe amorteceu o olhar nem lhe apagou o sorriso, continua tão Raposo como sempre foi.

Laureano Almeida





Praças anteriores:

Até meados do século XIX, a praça, com todas as suas valências, das carnes ao peixe, passando pelas lenhas, legumes, ficava no largo fronteiriço aos Paços do Concelho. De meados do século XIX, como as regras básicas higieno-sanitárias se alterassem, esteve, enquanto se aguardava a abertura do actual, em 1884, no Largo Dr. Gaspar Frutuoso. Vejamos onde ficavam as diversas valências no ano de 1875: 'O mercado ou feira semanal de gados tem sido feita até ao presente, por falta de local apropriado no pequeno largo de Santo André dentro da freguesia Matriz (...). A venda de peixe tem sido feita diariamente em um pequeno barracão próximo à ponte denominada do Paraíso, junto ao jardim publico, e na parte mais transitada e concorrida d'esta Villa (...). A venda de madeiras tem sido feita (...), no pequeno mercado denominado de Nossa Senhora da Estrela na freguesia Matriz, o qual é destinado á venda de frutas, cereais, hortaliças e outros objectos de semelhante natureza (...). A venda de lenhas tem (...) sido feita junto à referida ponte do Paraíso (...). A venda de carnes verdes tem sido feita no referido local de Nossa Senhora da Estrela (...). O matadouro publico pode dizer-se, que não existe, a não se dar esse nome ao pequeno espaço, que fica de baixo de uma arcada junto á dita ponte (...). Quanto ao local para guarda de animais, basta dizer-se que o não havia (...)' (Acta de sessão de 2 de Junho de 1875; conforme:

Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000).

Abertura ao público:

No dia 7 de Janeiro de 1884, abriu-se ao público, 'sem pompa nem aparatos, com tudo nos povos se devisara contentamento, por verem em um só recinto estabelecidas todas as suas feiras, e ainda pela esperança que nutrem de verem ligadas, pela nova estrada real projectada, as freguesias Matriz e Conceição, cuja construção trará consigo não só o embelezamento desta vila, mas ainda grandeza e prosperidade ao seu comércio (...)' (Acta de sessão de 10 de Janeiro de 1884; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000), os mercados. O complexo dos mercados municipais foi pensado num contexto infraestrutural, próprio do fontismo, em que, para fomentar o comércio concelhio e da ilha, se previa a construção de vias de acesso, entre as quais a ponte dos oito arcos, o prolongamento da rua do Estrela, a estrada de acesso e construção de um porto condigno em Santa Iria e outras que ligariam a Vila da Ribeira Grande a todos os locais da costa Norte e Sul. Destes empreendimentos só a construção do porto de Santa Iria e o prolongamento da rua do Estrela não foram concluídos. O primeiro, ainda em inícios do século XX, era insinuado a D. Carlos I, o segundo, só neste século XX foi concluído. Em ambos os casos, deveu-se prioridades da recém empossada Junta Geral do Distrito Autó-

nomo de Ponta Delgada, instalada na sequência da outorga Autónoma. (Mário Moura, *Memórias da Ponte dos Oito Arcos da Ribeira Grande*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1996).

Os terrenos onde foi implantado o complexo dos mercados municipais foram adquiridos ao Sr. Francisco de Paula Velho de Mello Cabral J. que pediu à autarquia a quantia de 1 300\$000 reis por umas casas, e por cada alqueire de terra para a rua e os mercados, 400\$00 reis. A autarquia ofereceu 350\$000 reis pela casa e 300\$00 reis pelo alqueire (Acta de sessão de 27 de Setembro de 1875; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000). Desconhecemos o preço acertado. A 19 de Março de 1875, para financiar o projecto, a autarquia delibera pedir à Companhia Geral de Crédito Predial Português o empréstimo de dez contos de reis fortes. (Acta de sessão de 19 de Março de 1875; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000). O projecto custou, segundo orçamento feito pelo Eng.º Distrital, 4605\$000 reis fracos. (Acta de sessão de 8 de Janeiro de 1879; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000).

O autor do projecto, Eng.º Mariano Augusto Faria e Maia, nasceu em Ponta Delgada em 1843 e faleceu em Lisboa em 1917. (Mário Moura, *Memórias da Ponte dos Oito Arcos da Ribeira Grande*, Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1996). O Presidente, em cuja vereação se deu início ao projecto mas que por falecimento não a inaugurou, era António

Resumo:

Quando foram abertos ao público? No dia 7 de Janeiro de 1884.

Que Presidente os inaugurou? José Tavares Moreira, Vice-Presidente de António Manuel da Silveira Estrela, em 1874, foi quem os inaugurou, acompanhado pelo seu Vice-Presidente, Francisco de Paula Velho Mello Cabral, também vereador em 1874 e antigo proprietário dos terrenos onde se construíram os mesmos.

Que Presidente os projectou? António Manuel da Silveira Estrela.

Quem foi o autor do projecto? Eng.º Mariano Augusto Faria e Maia.

Quanto custou? 4605\$000 reis fracos.

Anteriores proprietários do terreno? Francisco de Paula Velho de Mello Cabral Jr..

Quanto custou o terreno? Francisco de Paula Velho de Mello Cabral J. pediu à autarquia 1 300\$000 reis por umas casas, e por cada alqueire de terra para a rua e os mercados, 400\$00 reis. A autarquia ofereceu 350\$000 reis pela casa e 300\$000 reis pelo alqueire. Desconhecemos o preço acertado.

Financiamento? Empréstimo de dez contos de reis fortes contraído à Companhia Geral de Crédito Predial Português.

Manuel da Silveira Estrela. Este faleceu em Maio de 1879. Terá servido como presidente nos anos de 62 a 65, de 1868 a 1869 e de 1874 até Abril de 1879. (Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000) Na altura da inauguração era Presidente de Câmara José Tavares Moreira e vereadores: João Jacinto do Couto Júnior, Francisco Jerónimo Ferreira, Francisco Pereira Garcia, Francisco de Paula Velho Mello Cabral, Jerónimo Almeida Cabral e António Taveira da Silva.

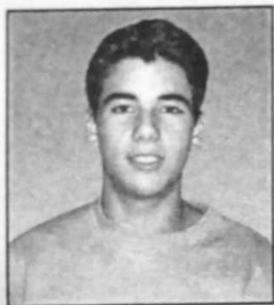
Passos do novo mercado:

Em 20 de Maio de 1874, dez anos antes da abertura pública das novas infra-estruturas, a Câmara presidida por António Manuel da Silveira Estrela pondera 'a urgente necessidade que há de remover o matadouro público do local em que agora está (...) junto ao parapeito da ponte do Paraíso (...) a necessidade que igualmente há de um mercado para venda de carnes (...) e finalmente vendo que não há local também próprio para o depósito e venda de lenha e madeira; deliberou a Câmara a construção d'um estabelecimento em que se compreenda todos esses mercados, e que se rogasse ao Exmo. Sr. Engenheiro Distrital se dignasse dizer se lhe é possível vir a esta Villa, e o dia a fim da Camara estar reunida para conjuntamente estudar o local mais próprio para o dito estabelecimento'. (Acta de sessão de 20 de Maio de 1874; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000).

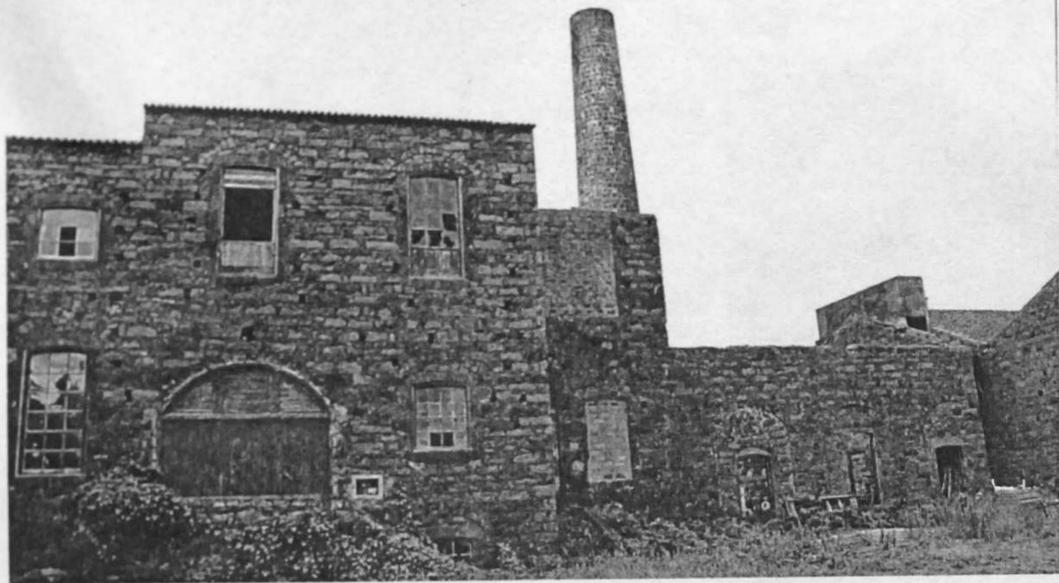
Pouco mais de nove meses após esta deliberação, na sessão de 16 de Dezembro de 1874, fez-se constar que 'a planta geral do local para a construção dos - Mercados e Matadouros - e planta dos mesmos, bem como o resumo do orçamento dos mesmos (tinham sido feitos) pelo Exmo. Sr. Engenheiro Distrital. A Camara achou esse trabalho bem feito e aprovou a sua construção (...)'. (Acta de sessão de 16 de Dezembro de 1874; conforme: Armindo de Melo Moreira da Silva, *Ribeira Grande: de ontem até hoje...*, v.I, 2000).

Apreciação do complexo dos mercados pelo jornalista do Diário de Notícias, de Lisboa, Manuel Emídio da Silva em 1893

'(...) um vastíssimo mercado de mais de 100 metros de frente que a municipalidade da vila mandou construir na margem esquerda da ribeira, perto da ponte. Parte do mercado, destinado ao peixe, constitui, por si só, um mercado que mete a um canto os de Lisboa e Porto! Só lhe falta... o peixe, que continua a ser vendido de preferência pelas ruas! O mercado não está concluído. Se chegar a sê-lo é talvez o primeiro do país, não em importância, está claro, mas em grandeza. O projecto está elaborado com muita proficiência e elegância pelo Sr. Engenheiro Mariano Machado Faria e Maia.' (Manuel Emídio da Silva, *S. Miguel em 1893: Cousas e pessoas*, p. 68, 1893, Ponta Delgada)



Roteiro de monumentos e locais na freguesia da Conceição, Cidade da Ribeira Grande



Roteiro

Vamos iniciar o percurso de Poente para Nascente:

- A **Fábrica de Álcool**, na rua Adolfo de Medeiros, foi construída no último quartel do séc. XIX. O edifício da fábrica, hoje desactivada, é um magnífico exemplar de arquitectura industrial. Destacam-se a enorme chaminé e um conjunto de edifícios em pedra. Durante a II Guerra Mundial, serviu de aquartelamento a tropas do Corpo Expedicionário do Exército Português, posteriormente foi transformada em armazém de uma tabaqueira, recentemente, foi adquirida por um industrial de



Localização e demografia

A Conceição, como é vulgarmente conhecida a freguesia de Ribeira Grande - Conceição, é uma das cinco freguesias urbanas da Cidade da Ribeira Grande. De acordo com o Censo oficial da população de 2001, tem 1797 habitantes. Fica a Poente da freguesia da Matriz e a Nascente da da Ribeira Seca.

Alguns acontecimentos

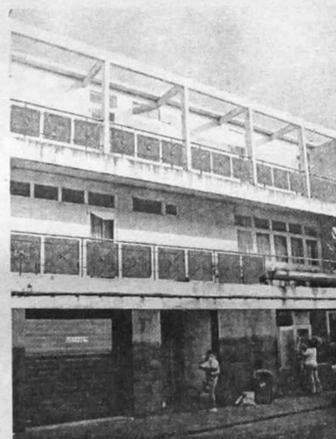
A Conceição, segundo o testemunho do cronista ribeirão-grandense Frei Agostinho de Mont' Alverne, nas suas "*Crónicas da Província de S. João Evangelista*", foi elevada a paróquia no ano de 1699. O Padre Egas Moniz, por seu turno,

acrescenta o dia 12 de Maio como o da elevação a paróquia, coincidindo com o dia exacto em que o licenciado Matias Nunes de Melo, seu primeiro vigário foi apresentado.¹

Foi na freguesia de Ribeira Grande - Conceição que surgiu, no terceiro quartel do século XIX, não só a primeira fábrica de tratamento de chá, a de José do Canto, na Barrosa, bem como, na década de setenta do século XX, a primeira central geotérmica das ilhas. A fábrica do Álcool foi construída, tal como as da vila da Lagoa e a de Ponta Delgada, em finais do século XIX. Sendo ainda nela construída a segunda central hidroeléctrica da ilha de São Miguel.

Os maiores e os melhores moinhos de água de toda a ilha de São Miguel, desde o século XVI, localizavam-se ao longo de uma vala, denominada ribeira da Condessa, ou ribeira dos moinhos, que serve de divisória às freguesias de Ribeira Grande - Matriz (paróquia de Nossa Senhora de Estrela) e de Ribeira Grande - Conceição, paróquia de Nossa Senhora de Conceição.

Foi também nela que se disputou, em finais do século XIX, mais precisamente na avenida de Luís de Camões, presenciado por numeroso público, o primeiro desafio de futebol na Ribeira Grande, quase em simultâneo com o primeiro encontro realizado na ilha. Aliás, os intervenientes no primeiro



materiais de construção civil;

- A casa n.º 4 da rua Adolfo de Medeiros. No seu interior existe um **vão de porta com arco ogival abatido típico dos sécs. XIV a XVI**

no séc. XIX, mais precisamente no ano de 1832. Pouco depois, foi ocupado pelo Hospital da S. Casa da Misericórdia, onde ainda hoje se encontra. O edifício da igreja e o claustro são provavelmente do séc. XVIII. Fica situado na rua de S. Francisco.

- Ao longo da rua de S. Francisco, que a partir da igreja da Nossa Senhora da Conceição passa a denominar-se rua de Nossa Senhora da Conceição, chamamos a atenção para **duas interessantes tipologias arquitectónicas**, de acordo com a classificação proposta pelo Dr. Luís Bernardo Leite de Ataíde, no seu livro intitulado "*Etnografia, arte e vida antiga nos Açores*":

1- A de **pontas de diamante e avental**, surgindo em finais do



encontro, ocorrido em Ponta Delgada, e os da Ribeira Grande, foram na sua maioria os mesmos, já que eram alunos do Colégio Fisher. Destes, alguns eram ribeirgrandenses.

(Segundo Mário Moura, *Ribeira Grande: Entender a Cidade*).

- O **convento Franciscano de Nossa Senhora de Guadalupe** foi fundado no séc. XVII e extinto

séc. XVI e permanecendo até meados do séc. XVIII:

Exemplos: Casas n.º 90, 68 e 61, entre outras.



2- A de **lintéis contracurvados**, cujos primeiros exemplares surgem em meados do séc. XVIII, prolongando-se os últimos exemplares conhecidos por meados do séc. XIX:
Exemplos: A casa n.º 10 da rua de S. Francisco, tem gravada na fachada a data 1802; a n.º 74, na

séc. XVIII.

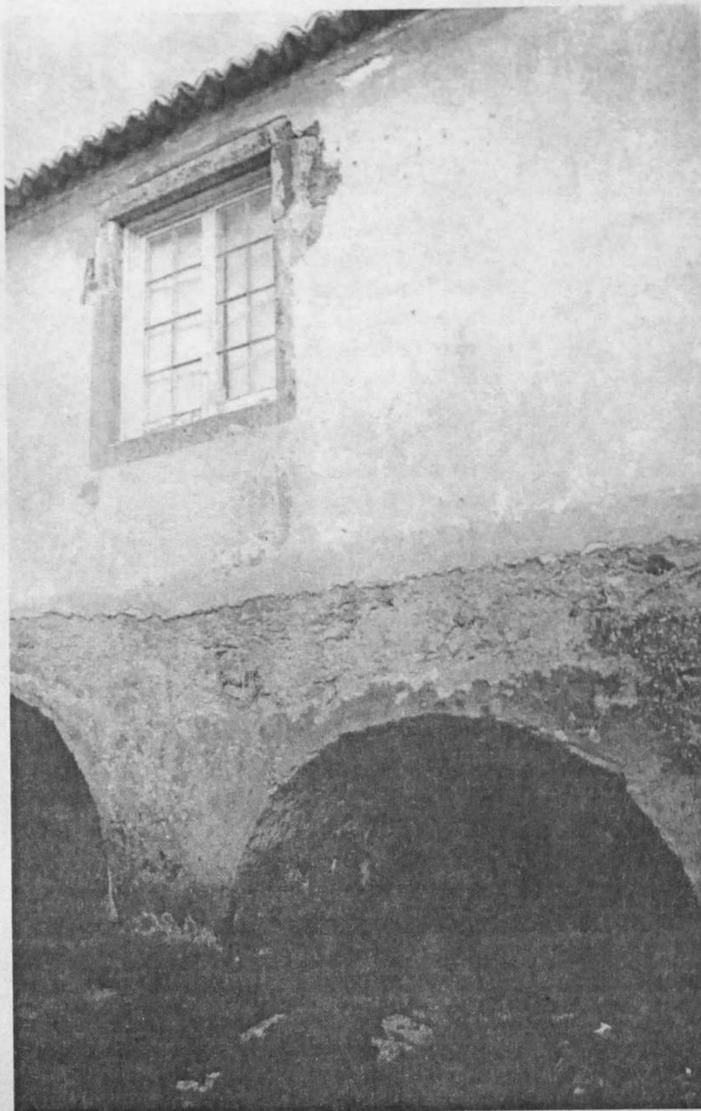
- **Casa n.º 9 da rua de São Francisco**, no canto desta rua com a de São Sebastião, no 1.º piso está o Centro Comercial da Ribeira Grande, é um exemplar da arquitectura da 'época da laranja', possivelmente da 1.ª ou

Jordão, capitalista, proprietário e brasileiro. Azulejos oitocentistas micaelenses da Cerâmica Leite Pereira?

- A **Escola Central**, na rua do Alcaide, edifício destinado ao Ensino Primário, terá sido concluído cerca do ano de 1931.

- Os **Moinhos do Vale** são herdeiros e descendentes dos moinhos quinhentistas da Ribeira Grande. A sua vala de água, ao mesmo tempo que alimenta os anteriores e os que lhes seguem, como já referi, serve de demarcação de fronteira entre as freguesias de Conceição e Matriz.

- A **Ermida de Nossa Senhora das Dores** é provavelmente de origem quinhentista, contudo, a feição actual será de finais do século XVII. Exibe na sua fachada a data de 1696. É conhecida por

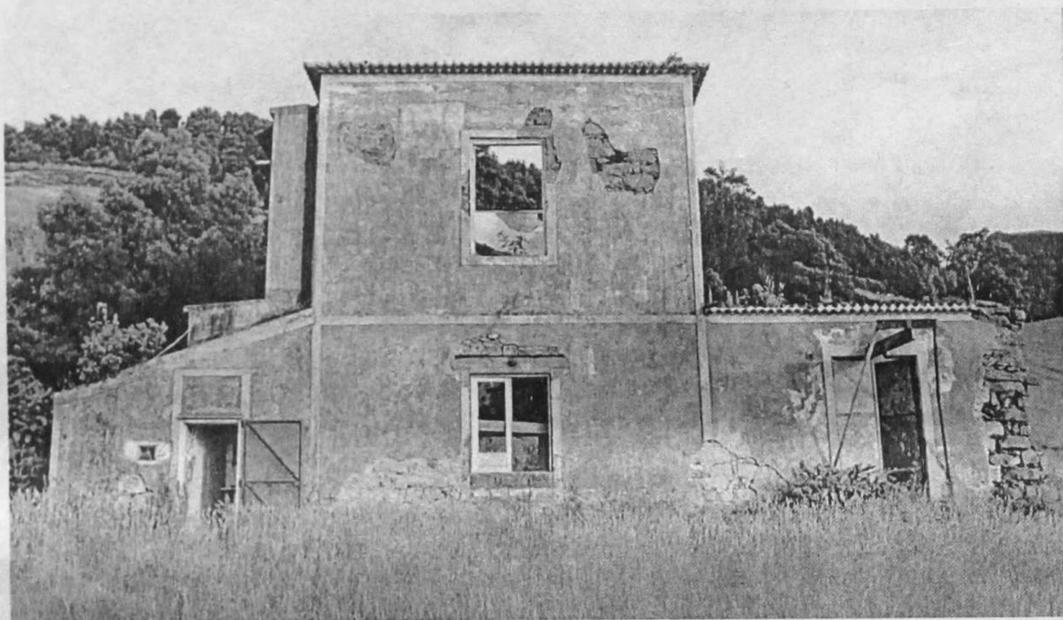


- **Centrais geotérmicas** construídas a partir da década de setenta do século XX.

- **Ruínas da fábrica de Chá de José do Canto**, sita à Barrosa, a primeira construída nos Açores, no terceiro quartel do século XIX.

- **Areal da Ribeira Grande**, um dos melhores locais das ilhas e do país para a prática de 'windsurf'.

'ACCRG, Junta de Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, Acta da sessão do dia 2 de Fevereiro de 1896, Relatório sobre o arruamento paroquial - Projecto de demarcação e denominação das ruas da freguesia - Acórdão da utilidade pública do mesmo - Resolução final, da autoria do Padre Egas Moniz.
Fotografia: Otilia Botelho e Ricardo Rodrigues



mesma rua, a de 1780; a n.º 48, 1788, sendo esta última um belo exemplar de casa de três pisos.

- A **residência da família Almeida Lima**, cujo projecto arquitectónico é da autoria do arquitecto João Rebelo, filho do famoso pintor Domingos Rebelo, construída na década de 60. É um dos raros exemplares da boa arquitectura modernista existente na Cidade da Ribeira Grande.

- A **igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição** foi construída na primeira metade do

inícios da segunda metade do século XIX.

- A **casa de João Vieira Jordão**, na rua de Nossa Senhora da Conceição, n.º 84, é um magnífico edifício oitocentista, cuja fachada é inteiramente revestida de azulejos de 1874, provavelmente fabricados na fábrica de Cerâmica Leite na Lagoa. Repare-se igualmente nas duas figuras alegóricas alusivas ao comércio e à indústria, colocadas junto ao telhado. É um bom exemplar de "Casa brasileira". Segundo Mário Moura, *A Casa de João Vieira*

Conceição Velha, ao que se crê, por ter sido a primitiva igreja paroquial. Egas Moniz afirma-o.

- O **Solar de Nossa Senhora do Vencimento**, uma casa de famílias nobres com capela anexa, pertence à família Canto Taveira. Provavelmente o solar terá começado a ser construído ainda no séc. XVII, prolongando-se, porém, pelo século XVIII.

- **Fábrica de Licor de Maracujá do Ezequiel**.

Lúlio Borges Moura



Nomes das nossas ruas



Segunda e última parte do Projecto de demarcação e denominação das ruas da freguesia de Nossa Senhora da Conceição, Cidade de Ribeira Grande, da autoria do Padre Egas Moniz, de 2 de

Fevereiro de 1896, cuja pesquisa foi feita pelo Sr. Luís Gamboa, sendo a transcrição da nossa responsabilidade. Esta cópia foi nos entregue pelo Padre António Rocha, após a ida do Sr. Luís Gamboa para os Estados Unidos da América do Norte. A seu pedido, e com muito gosto, demos à estampa tão importante documento.

São conservados os limites e denominações às ruas:

Do Alcaide, afluente da que se denomina do Vale;

De Luís de Camões, que a do Estrela intercepta e emboca pela que se diz Direita [rua de Nossa Senhora da Conceição];

Do Estrela, entremeadada nos Mercados;

Do Vencimento, que a ermida da mesma invocação encima;

Das Rosas, que sobe da sua afluência na do Vencimento até embocar na encruzilhada do Carcanha [canto formado pela confluência das ruas do Ouvidor, São Sebastião, Rosas e Hintze Ribeiro];

Dos Apóstolos, que entra pela que denominam dos Foros, girando com desembocadura na que se diz do Rego Esquerdo.

Para comemorar a estadia de D. Pedro IV



O agrupamento subordinado, sem razão plausível, ao título de **rua Funda**, fica, segundo os seus ramais, dividido em:

Rua do Alverne, confluenta com a das Dores para a que se diz Direita; (por homenagem da pátria a seu distinto filho o cronista Fr. Agostinho de Monte Alverne).

Na casa que forma a bocaça poliédrica da rua do Arco, fica esta até à afluência da Fonte-grande, ou de João do Outeiro, com o nome de **rua da Constituição** [actualmente ruas Dr. Eduíno Rocha e Mouzinho de Albuquerque].

Os grupos ditos do Vale e da Conceição Velha são desdobrados pelos lanços que as constituem, nas ruas seguintes:

Rua da Salvação, desde a ermida que a denomina, na embocadura, até onde enquadra com a rua do Alcaide; (estendendo às duas freguesias a mesma égide titular, assim como a rua é comum a ambas).

Rua da Roda, esquadriada (?) com a do

Alcaide, na desembocadura, e com a que chamam Funda; (para lembrança da roda de enfeitados que houve na segunda casa do lado sul, subindo, deste lanço da rua do Vale).

Rua do Vigário Matias, circunscrita ao derradeiro lanço do corpo subordinado ao título do vale, com foz na rua de São Sebastião; (perpetuando o nome do primeiro pároco que teve a freguesia).

Rua das Dores, constituída pelo corpo vertical do grupo da Conceição Velha, vulgo Calvário; (e de título justificado na moderna invocação da ermida sobranceira).

Rua da Conceição Velha, determinada pelo ramal perpendicular à de São Sebastião, que desemboca, subindo, no largo da ermida dominante; (para fixar a origem da paróquia e a invocação primitiva da mesma ermida).

Rua do Chazeiro, enquadrada na encruzilhada do Carcanha, por onde emboca, e na do Doutor Paula, ou de São Vicente, em que aflui; (derivando o nome da planta de chá que floresce na quinta adjacente do Ouvidor, para indicar no Concelho a prioridade local da vegetação do arbusto chinês, e pôr termo às variantes de Conceição Velha, Outeiro, Lagos, António Manuel e Ouvidor, porque a mesma rua é conhecida).

Rua do Alverne, confluenta com a das Dores para a que se diz Direita; (por homenagem da pátria a seu distinto filho o cronista Fr. Agostinho de Monte Alverne).

Rua do Rodovalho, que parte da antecedente para a sacristia da igreja paroquial; (no intuito de comemorar o apelido do padre Francisco Rodovalho Melo, primeiro cura que houve na freguesia).

Travessa de Santa Ana, que converge da rua antecedente para a embocadura lateral da torre da Conceição; (derivando o nome da capela do baptistério adjacente).

São também bipartidas, por seus ramais componentes, as ruas ditas de São Sebastião e do Rego Esquerdo, denominando-se:



No tocante à primeira:

Rua de São Sebastião, o lanço que sobe em esquadria da de São Francisco para a das Rosas; (por não *obliterar* a notícia da ermida que nela houve consagrada ao glorioso mártir narbonense).

Rua do Bispo Leitão, o lanço que desce esquadrado da de São Francisco até à trincheira do areal; (perpetuando assim na paróquia o nome do bispo que a erigiu, D. António Vieira Leitão, de santa memória).

Pelo que respeita à segunda:

Rua de Bartolomeu do Quental, o ramo embocado pela que chamam dos Foros; (em comemoração do venerável opositor à Matriz de Nossa Senhora da Estrela, que, nobilitando a família do célebre poeta Antero do Quental, de quem foram os terrenos contíguos, ilustra a igreja e a literatura nacional).

Rua do Provedor, o ramo que aflui da antecedente para a do Vencimento; (memorando o facto de Francisco Tavares Homem, administrador do solar adjacente, ser o primeiro provedor da Confraria do Santíssimo Sacramento erecta na paróquia e um dos seus instituidores).

As vielas designadas com o título promíscuo de Foral da Areia passam a denominar-se separadamente:

Rua das Dunas, a que vai desde a sua origem na rua do Bispo Leitão até às dunas do areal; (que lhe justificam o nome).

Beco de João Vieira, a viela oriental do grupo; (em memória do pobre campino que ali construiu a primeira casa em que mora ainda, como patriarca dos vizinhos).

Beco de Manuel da Areia, a viela ocidental do aforamento; (perpetuando de igual forma o nome do seu primeiro habitante, que preside também os demais com gravidade não inferior à de seu mano João Vieira).

Sem alteração dos limites actuais passam a denominar-se:

Rua da Feira, a da Praia, que conduz ao mercado das rezas, embocando pela esquina setentrional do mesmo;

Rua do Infante, a do Rodrigo, que vem da encruzilhada do Vencimento desembocar na viela das Dunas; (em lembrança do quinto centenário natalício do Infante D. Henrique, sob cujos auspícios se descobriu esta ilha).

Rua de João Albino, [actual rua Hintze Ribeiro], a dos Foros, que sobe, na direcção norte sul, do abocamento do Carcanha até esquadrar com a das Galinhas, [actual rua do Berquó]; (por ter sido o berço do príncipe dos poetas ribeiragrandenses João Albino Peixoto).

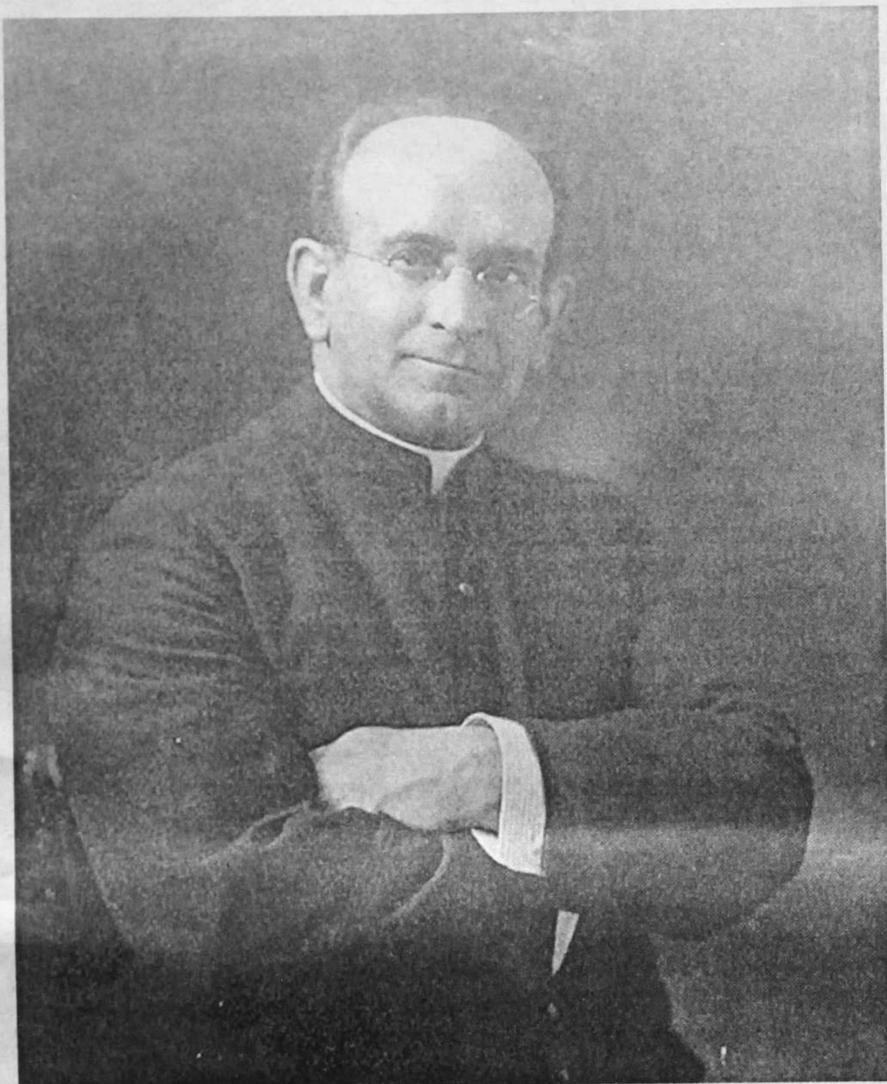
Rua das Dezasseis Pedras, a do cabo dos Foros, que conflui com a antecedente para o sítio do Pico Arde; (para recordar as inscrições lapidárias da ermida que o linhagista João de Arruda Botelho erigiu no mesmo sítio), [ainda no Museu Carlos Machado].

Rua do Berquó, a das Galinhas, ou das Gibas, cuja foz delimita as precedentes; (justificando-se a denominação no facto do doutor Francisco Berquó Delrio ser o primeiro visitador da Paróquia que lavrou capítulo para o seu regimen, e do apelido dele se conservar na família distinta que tem vivenda estival na mesma rua).

Beco do Guido, o que se prolonga com a rua das Galinhas; (por haver nascido e morado nele Guido Botelho, prestimoso na arte de encanar pernas fracturadas).

Rua da Fábrica, a da Palha, que converge da encruzilhada da de São Vicente, ou do Doutor Paula, para a confluência da antecedente no boqueirão da ribeira; (comemorando a fábrica de chitas estabelecida pelo Conde da Ribeira no século XVIII, de que restam apenas os vestígios locais da casa das tintas).

Caixa Económica da Ribeira Grande: 2 de Janeiro de 1909



Cónego Cristiano de Jesus Borges



Dr. Eduino Rocha



«No dia 2 de janeiro [1909] iniciou as suas transacções a «Caixa Económica da Ribeira Grande» sociedade anonyma de responsabilidade limitada, por acções e é inacreditavel o capital que ella tem já em giro. No que não abunda é em pequenos depositos, pelo que se vê que o povo ainda não está educado para isso, parte que muitos d'entre elles os façam já e apregoem os benefícios que este estabelecimento lhes esta prestando. O depósito minimo nesta caixa é de 500 reis, o que mostra bem o cunho que lhe imprimiram, incitando todas as classes á economia. São actuaes directores em maioria os ex.mos snrs. Manuel Borges Velho de Mello Cabral, dr. Eduino Rocha e dr. Hermano da Silva Motta, coadjuvados pelo escripturario o ex.mo snr. Armando de Castro Carneiro. Durante a ausencia do ex.mo snr. Dr. Eduino Rocha, que actualmente se acha na ilha de Fayal,

ficou a substitui-lo o ex.mo sr. dr. Virgínio Cabral de Lima.

Há muito que se fazia sentir a falta d'um estabelecimento d'esta natureza entre nós, e ha muito também que o sr. dr. Eduino Rocha afagava e estudava o projecto de o estabelecer. Testando havia já muito pol-o (Sic) em pratica antepozeram-se-lhe dificuldades que o demoveram por algum tempo do seu intento, até que finalmente em agosto passado tratou de novo o caso com o ex.mo snr. Conego Christiano de Jesus Borges, sendo outorgada em setembro a escriptura da sociedade perante o notário ex. mo sr. Manuel Tavares Corrêa.

O capital social é de 25. 000. 000 de reis.¹

No mesmo jornal ribeiragrandense, de 4 de Setembro, a folhas três, anunciava-se que acabara de 'chegar pelo paquete S. Miguel á Caixa Económica d'esta villa, um novo cofre d'uma das mais acreditadas fábricas do Porto.'

Um ano após a abertura é feito um balanço positivo: 'O estado florescente a que no primeiro anno

chegou a Caixa Económica Ribeira Grandense, é, na verdade, admirável e surpreendente. Um movimento de 130 contos, ninguém o podia prever, e por isso a todos causou admiração e espanto. O que este facto vem demonstrar, foi a urgente falta de há muito estava fazendo na Ribeira Grande, um estabelecimento de credito, onde os habitantes do concelho, tivessem ao pé da porta, o dinheiro necessário para as suas transacções. Foi um passo gigantesco que os ribeiragrandenses deram e que muito influirá no seu progresso e importância. E o futuro, não muito distante, se encarregará de demonstrar, quanto valorizou o concelho a fundação da caixa.'²

¹A *Semana*, Ribeira Grande, N.º 1, 9 de Agosto de 1909, fl.2.

² *Idem*

***'O estado
florescente a que
no primeiro anno
chegou a Caixa
Económica
Ribeira
Grandense, é, na
verdade, admirável
e surpreendente.
Um movimento de
130 contos,
ninguém o podia
prever, e por isso a
todos causou
admiração e
espanto.***

Sociedade de Instrução e Recreio em 1912



Fotografia do acontecimento



'A nobre Sociedade Instrução e Recreio d'esta villa, mudou a sua séde da casa da Sr. Manuel Duarte Silva, da rua do Passal, onde

esteve provisoriamente installada, para a casa que o Sr. João Borges Cordeiro possui na rua de Nossa Senhora da Conceição [Possivelmente a casa onde hoje está instalada a loja e residência de Dinarte Ferreira Miranda].

No quintal do bello edificio que agora occupa, mandou a Sociedade construir um jogo de croquet, cuja inauguração, realisada no dia 16 de Junho passado, foi muito festejada, assistindo a filarmónica «Voz do Progresso» da distincta regencia do Sr. Fortunado ds (Sic) Lima, que tocou o hymno da Sociedade e muitas outras peças do seu variado e selecto repertorio.

O terraço subjacente a um caramanchão que existe no quintal, estava repleto de senhoras, cujas toilettes elegantes, policromaticas, tornavam o recinto lindamente pittoresco.

Ao ser iniciada a primeira partida, tocou

a filarmónica o hymno da sociedade e foram arremessadas inumeras girandolas de foguetes.

Terminado o Jogo, as Senhoras deram entrada nas salas da Sociedade, onde se dançou com muita animação até avançada hora da Noite.

Foi uma bella festa, que deixou uma grata impressão na memoria de todos os assistentes.

A Sociedade tem continuado a ser muito frequentada todos os domingos, por muitas damas e cavalheiros, que se reúnem nas salas ao findarem as partidas de croquet, terminando a diversão por animadas soirées dan-

çantes.

Muito folgamos de que esta illustre Sociedade se mantenha à altura das suas nobres tradições e fazemos votos para que conserve a florescente prosperidade que gosa actualmente.¹¹

¹Correio do Norte, Ribeira Grande, N.º 1, 6 de Julho de 1912, fl.3.

Célia Cabral Pereira

As primeiras projecções cinematográficas na Ribeira Grande: 1910

(continuação da última página)

Convém salientar que em 1914, as sessões cinematográficas tinham já conquistado a simpatia de muitas pessoas da Ribeira Grande. Temos informação de sessões assistidas por 300 pessoas, o que, para a altura seria muito significativo. Tal afluência demonstra à sociedade o entusiasmo que reinava naquela altura entre a população da Ribeira Grande.¹³ Em 1916, elogiava-se as pessoas que faziam sacrifícios para proporcionar bons espectáculos cinematográficos, no entanto, havia um obstáculo que era a má formação do povo, visto este ser 'na sua maioria analfabeto, não entende as fitas, preferindo as palhaçadas, assumpto tão

proprio para ferir a atenção das creanças, e entreter-lhes o espirito infantil, superficial e impressionista.' Apellando-se para a necessidade de se fundar na Ribeira Grande uma Casa de espectáculos publicos ou um Salão cinematográfico com palco.¹⁴

Entre 1916 e 1917, no Coliseu Social foram apresentadas várias sessões de cinema, no entanto, eram apresentados espectáculos de variedades.¹⁵

No ano seguinte, procedeu-se à angariação de accionistas para a constituição de uma sociedade tendo por meta a construção de um Salão Cinematográfico na Ribeira Grande.¹⁶

Após esta breve exposição, podemos dizer que desde na primeira década do século passado, o cinema se tornou um meio de entretenimento e de instrução para a população local.

¹A Semana, Ribeira Grande, N.º 23, 8 de Janeiro de 1910, fls. 3-4.

²Correio do Norte, Ribeira Grande, N.º 29 Janeiro de 1910, fl.3.

³A Semana, Ribeira Grande, N.º 47, 25 de Junho de 1910, fl.4.

⁴Correio do Norte, Ribeira Grande, N.º 8, 24 de Agosto de 1912, fl.3.

⁵A Estrela Oriental, Ribeira Grande, 7 de Setembro de 1912, fl.3.

⁶Correio do Norte, Ribeira Grande, N.º 10, 14 de Setembro de 1912, fl.3.

⁷Idem, N.º 18, 16 de Novembro de 1912, fl.3.

⁸Ibidem, N.º 14, 12 de Outubro de 1912, fl. 3.

⁹Ibidem, N.º 19, 23 de Novembro de 1912, fl.3.

¹⁰A Estrela Oriental, Ribeira Grande, 30 de Novembro de 1912, fl.2.

¹¹Correio do Norte, Ribeira Grande, N.º 20, 30 de Novembro de 1912, fl.3.

¹²Idem, N.º 42, 10 de Maio de 1913, fl.3.

¹³Idem, N.º 20, 17 de Outubro de 1914, fl.3.

¹⁴Ecos do Norte, Ribeira Grande, N.º 2, 15 de Julho de 1916, s. fl.

¹⁵Idem, N.º 27, 6 de Janeiro de 1917, s. fl.

¹⁶Idem, N.º 111, 7 de Setembro de 1918, s. fl.

A minha selecção

João Correia, médio centro

Nascido para o futebol no *Sporting Clube Ideal*, para o ano de 1966, ainda no tempo do *centro campista* Manuel Pedro, jogador seu ídolo, João Correia haveria de se evidenciar como um atleta de rija personalidade. O futebol até foi um meio para a sua afirmação pessoal e no seio da comunidade. Jogador com domínio sobre largos espaços, abnegado pela bola, sempre com condição física exemplar, até treinava no chamado *período do defeso* [entre as épocas], fazia o esférico correr em todo o campo. Era um jogador para o colectivo, para o envolvimento total da equipa. O factor individual, nomeadamente o drible, só deveria ser utilizado como recurso. Aprendera a lição com o Manuel Pedro. Aliás, acabou por ser o seu substituto no centro do terreno. 'Tive muito orgulho em substituir o Manuel Pedro [diz João Correia]. Quando este emigrou eu estava a iniciar a minha carreira de futebolista, na equipa sénior do *Ideal*. Eu ao lado dele não me considerava um jogador. Ele era um futebolista completo. Por exemplo, fazia golos de cabeça como ninguém. Sempre me considerei um jogador do meio campo. Sentia-me bastante bem no miolo do terreno; na ala esquerda nada bem; na direita mais ou menos. E uma coisa que incessantemente fiz foi nunca deixar de mostrar grande abnegação ao jogo: lutar muito pela bola e apoiar os colegas'. *Idealista* inflamado só não representou o Clube da Ribeira Grande na temporada de 1976-77, tendo nesta sido jogador do *Operário* da Lagoa. Esse curto afastamento deveu-se ao desejo de desenvolver ainda mais a sua capacidade futebolística, coisa que o *Ideal*, à altura, um segundo divisionário, não o permitia. 'Foi com alguma pena minha que deixei o *Ideal*, que sempre foi a minha equipa. Sentia que tinha algumas potencialidades para jogar mais e melhor futebol', recorda João Correia. E assim teve. Nessa época de *médio centro* saltou para *ponta de lança*. Os golos ultrapassaram os vinte, lembra. *Verde* de coração, aspirou jogar no *Lusitânia*, da Ilha Terceira, não o conseguindo. O *Santa Clara* convidou-o, porém, os estudos negaram-no.

João Correia, 51 anos, Jurista, jogou futebol durante 16 anos. No *Sporting Clube Ideal* foi jogador, treinador e director. Terminou a sua carreira, 'sem grande currículo', reconhece, num momento de grande revolução no futebol da Ribeira Grande: o factor dinheiro, mobilizador para a rotação/permuta de jogadores e de treinadores, com consequências já sobejamente conhecidas, por um lado, notórias melhorias ao nível de treinos e qualidade de jogo, e, por outro, criação de fissuras na relação *adepto-jogador*, inclusive, perturbação na gestão desportiva. No caso do *Sporting Clube Ideal*, revolução essa iniciada por Fernando Anselmo. Estávamos na temporada de 1979-80. O *Velho Ideal* acabara. O futebol na Ribeira Grande iria começar a percorrer um caminho que o levaria a forte afirmação, qual nova identidade, dentro da Ilha e da Região.

Velho Ideal: treinar avulso

Naquele *Velho Ideal*, e até mesmo nos seus

rivais ribeiragrandenses, onde a paixão desinteressada pela bola, o chamado amadorismo puro, era o denominador comum, João Correia confirma que se treinava de um modo avulso. 'No meu tempo, o treino era rudimentar. Tive várias experiências de treino. Estou em condições de dizer que a maioria dos treinadores que tive na minha carreira não preparavam os treinos. Não tinham grande qualidade, nem podiam ter já que não havia formação. Davam-se uns pontapés à baliza, marcavam-se uns *pontapés de canto* e faziam-se treinos de conjunto. No fundo, íamos para o campo jogar futebol. Eram treinadores com poucas evoluções'. Já

Um novo ânimo na qualidade do jogo e na gestão ao nível do dirigismo desportivo aparecera. As suas consequências foram ambivalentes.

Revolução de Fernando Anselmo Bico d'obra

Fernando Anselmo, natural de Ribeira Seca, Ribeira Grande, ligado ao *Ideal* como *unha com carne*, criou um *Novo Ideal*, uma equipa recheada de muitos jogadores de *fora de casa*, desafogando, por exemplo, o histórico sectarismo entre *Benfica Águia* e *Sporting Clube Ideal*. As duas equipas eram o reflexo das condições sociais e

A revolução de Anselmo propagar-se-ia aos restantes Clubes da terra. O *Atlético de São Pedro* tem aspirações e 'contrata' jogadores. O *Ribeirinha* o mesmo. Por último, o *Benfica Águia*, que durante anos aspira a um campeonato da I Divisão Distrital, acaba por ser a primeira equipa ribeiragrandense a conseguí-lo [época: 1982-83], o que a leva ao Campeonato da III Divisão Nacional, Série E [temporada: 1983-84]. O *Ideal* segue-lhe as pegadas, mas já sem João Correia, no campeonato de 1984-85. O *Ideal* de finais de oitenta, duas vezes campeão de São Miguel, é o vivo exemplo da mais diversa origem de jogadores.



como jogador do *Operário* da Lagoa haveria de ter boa oportunidade de conhecer treinadores brilhantes. 'No *Operário* foi o ano em que treinei mais nos aspectos físico, técnico e tático. O chamado *trabalho de balneário* [psicológico e tático] também o fazíamos'. João Correia rememora o trabalho Manuel Inácio de Melo e de João Gualberto, este último com capacidade de por a equipa 'a jogar com os olhos fechados'. 'Fazia a equipa movimentar-se dentro do campo de uma forma praticamente automática. As movimentações dos jogadores e as jogadas, que não eram muitas, mas eram estudadas, facilitavam o nosso desempenho. Fez-me jogar um futebol melhor e até fez-me marcar golos. É certo que como jogador do meio campo marcava golos, mas com o João Gualberto, que me colocou a jogar como *ponta de lança*, marquei muitos golos', diz. Porém, como treinador do *Ideal* João Correia recorda, com muito agrado, o seu trabalho ao nível do apuramento físico e técnico dos jogadores. A parte tática deixava-o a outro, bastantes vezes ao Fernando Anselmo. Desse *Velho Ideal* resta, acima de tudo, as memoráveis subidas à I Divisão Distrital nas épocas de 1972-73 e de 1977-78. Dos seus gloriosos atletas, de sessenta e setenta, nenhum deixou rasto simbólico perene. 'Os grandes jogadores do *Ideal*, que poderiam ser símbolos para o Clube, tal como o Manuel Rita para o *Benfica Águia*, emigraram [afirma João Correia]. Não jogaram no seu Clube o número de anos suficientes para que se transformassem em marcos. Podia falar do Manuel Pedro e do vulgarmente conhecido Fernando *Renegado*, avançado centro de técnica apuradíssima. Nunca joguei com ele mas vi-o jogar. Era uma referência que arrastava adeptos.' Entretanto, uma revolução aproximava-se.

económicas dos seus elementos. Do ponto de vista futebolístico até a ex-Vila da Ribeira Grande se encontrava geograficamente dividida. João Correia salienta que 'Os do *Águia* [de quem sempre foi um admirador; aliás, a sua infância foi marcada positivamente pelas equipas do *Benfica Águia*] vinham do litoral, da areia. Já eu jogava futebol no Largo das Freiras e no Asilo Bernardo Manuel da Silveira Estrela. Eram zonas completamente distintas. Com diferenças sociais e económicas bem evidentes. A do litoral mais pobre, a do interior mais rica. Nesse cenário, as permutas de jogadores entre *Ideal* e *Águia* eram muito difíceis'. Na reviravolta protagonizada por Fernando Anselmo do *Águia* vão para o *Ideal*: Manuel Rita, António Grilo, António China; do *Atlético de São Pedro* José Pereira; não se esquecendo alguns continentais. Era o início da rotação/permuta de jogadores entre as várias equipas da Ribeira Grande, mas não só, de que os anos oitenta são bem a prova. Ainda para o *Ideal*, o treinador deixa de ser um curioso com alguma experiência da bola [em regra ex-jogadores, experimentou João Correia] e passa a ser um Técnico credenciado. Falámos de José António Cordeiro, um natural da Ribeira Grande. João Correia evoca o seu metódico trabalho. Não foram campeões da Ilha de São Miguel na época de 1979-80, mas em meados de 80 bem que souberam jogar contra o *Sporting Clube de Portugal* no Campo Municipal de Ribeira Grande, a convite do *Ideal*. 'Neste jogo [recorda João Correia] eu e o *Pedrinho* Cordeiro sentimos que tínhamos jogado de igual para igual. Perdemos por dois a zero. Os do *Sporting* não terão dado tudo o que tinham para dar, mas acho que conseguimos jogar próximos deles'. Parece que o vinco para novas concepções de treino e de jogo fora implantado.

Em jeito de conclusão, poderemos adiantar que Fernando Anselmo contribuiu para que o futebol ribeiragrandense revelasse grande pujança durante a década de oitenta. As vitórias de Ilha e Regionais disso são prova. Porém, um outro lado da sua revolução haveria de se evidenciar. 1. As ligações *adepto-jogador*, tão fortes anteriormente, tendem a desaparecer. Os adeptos já não se revêm nos jogadores de *fora de casa*. Afastam-se dos Campos de Futebol. 2. Os dirigentes desportivos, na sua grande maioria, não souberam gerir a nova realidade financeira, subitamente, introduzida no futebol da Ilha e da Região. As equipas da Cidade ribeiragrandense começam a desaparecer: *Atlético*, *Benfica Águia*, *Ribeirinha*. Actualmente, só o *Ideal* sobrevive. [Na opinião de João Correia há que fazer ressuscitar o glorioso *Benfica Águia*]. 4. Equipas da Ilha de São Miguel começaram a militar em campeonatos de nível nacional, de que o *Santa Clara* é o melhor exemplo. 5. Por fim, a Televisão, com as suas transmissões de jogos nacionais e internacionais, encarregou-se de deslocar e adensar outros interesses clubísticos. Para a relação *adepto-jogador* João Correia lembra o seguinte: 'Quando jogava futebol a massa associativa que acompanhava a equipa era em número muito razoável. Vivía o jogo em si de uma forma emotiva. O jogador não se sentia sozinho no campo. Sabia que tinha muita gente a vê-lo jogar. Isso era muito estimulante. Sem embargo, o futebol que actualmente se pratica na Ilha e nos Açores evoluiu bastante. Os jogadores têm mais capacidades. A rapidez do jogo é outra. Os treinadores têm formação. Contudo, essa melhoria não fez nem faz com que as pessoas vão ao futebol'. Um *bico d'obra* a revolução de Fernando Anselmo! A mitologia clássica com o seu deus Janus bem merece ser recordada.

Obs.: Os conceitos *Velho Ideal* e *Novo Ideal* devemo-los aos trabalhos do Mestre Mário Fernando Oliveira Moura, porém, aqui utilizados em contextos históricos diferentes.

A lenda da flor do maracujá

Esta deliciosa e intrigante história é conhecida em todo o mundo, com apenas algumas variantes. Na Europa actual a lenda é baseada na *Passiflora caerulea*, muito provavelmente porque ela foi a primeira espécie do género *Passiflora* a ser introduzida no continente europeu.

Aqui nos Açores a única espécie cultivada é a *Passiflora edulis Sims*.

Todavia, a história original foi sem dúvida alguma baseada em alguma outra espécie desconhecida actualmente, supostamente com folhas em forma de lança e glândulas negras na parte inferior das folhas.

A História conta-nos que em 1609 Jacomo Bosio, um monge que arduamente trabalhava no seu tratado sobre a Cruz do Calvário, quando um frade agostinho de nome Emmanuel de Villegas e mexicano de nascimento, chegou a Roma. Ele mostrou a Jacomo Bosio o desenho de uma flor maravilhosa, mas Bosio hesitou em incluir o desenho no seu livro para glória de Cristo. Contudo, depois de receber mais desenhos e descrições dos padres da Nova Espanha e depois de ver os desenhos finalmente publicados pelos Dominicanos de Bolonha, ficou satisfeito por saber que esta fantástica flor realmente existia. Ele considerou esta flor como o mais incrível exemplo da *Croce Trionfante* descoberto na floresta. Ele notou que a flor não representava propriamente a Cruz de Cristo, mas mais os mistérios da Paixão.

No Perú, na Nova Espanha e nas Índias Ocidentais, as pessoas de descendência castelhana ainda a chamam de *Flor das Cinco Chagas*.

Bosio observou que a flor em forma de campainha levava muito tempo a se formar e que depois apenas permanecia aberta durante um único dia. Bosio escreveu: "É possível que na Sua infinita sabedoria, Ele tenha

criado esta flor para indicar que os Mistérios da Cruz e da Sua Paixão, necessitassem ser ocultados dos povos gentios desses países, até ao tempo predestinado pela Sua imensa magestade".

O maracujá de Bosio exhibe a coroa de espinhos (que são os filamentos da corola), os três pregos (que são os três estigmas florais) e a coluna da flagelação (o androginófero), tal como eles aparecem representados nas insígnias eclesiásticas. Ele escreveu que algumas variedades de maracujá na Nova Espanha, têm os filamentos da corola com bandas alternadas de rosa escuro e branco, sugerindo uma coroa de espinhos manchada com sangue. Bosio descreve a coluna (androginófero) no centro da flor rodeada pela coroa de espinhos e encimada pelos 3 pregos. Junto à base da coluna existem os 5 estames que representam as cinco chagas recebidas por Cristo na cruz.

Nos filamentos da corola existem ao todo 72 filamentos, o que segundo a Tradição era o número de espinhos existentes na coroa de espinhos que foi colocada sobre a cabeça de Cristo.

O maracujá de Bosio tinha também abundantes e bonitas folhas com a forma da ponta de

uma lança e a parte inferior das mesmas apresentava 30 manchas negras arredondadas, significando as 30 moedas de prata com as quais Judas traiu Cristo.

Os autores europeus posteriores que desejavam fazer do maracujá um exemplo maravilhosamente misterioso do trabalho de Nosso Senhor, apenas tinham a *Passiflora caerulea* e assim a história teve que ser revista. Foi então retirada a parte das folhas em forma de lança e com as respectivas manchas. Por conseguinte, acrescentou-se outra coisa: as folhas da *P. caerulea* que possuem 5 lóbulos, passaram a representar as mãos dos homens que condenaram Cristo à morte. As pétalas brancas significam a pureza e o total das 10 pétalas representam os 10 apóstolos presentes durante a Crucificação. Pedro e Judas estavam ausentes. As três brácteas florais representam a Santíssima Trindade e as gavinhas todas enroladas, representam as cordas com as quais amarraram Cristo na cruz.

É por este motivo que o maracujá também é conhecido por *flor da paixão*, também designado na língua inglesa por *passion flower*. *Passion* significa paixão e *flower* flor.

Paulo Miranda

Nota: Para mais informações sobre o maracujá e as várias espécies do género *Passiflora*, envie-me um email, ou consulte na internet, a página da *Sociedade Internacional de Passifloráceas (PSI)*: <http://www.passiflora.org>

Consulte também estas outras páginas:
<http://www.passiflora-uk.co.uk>
<http://www.passiflora.it>
<http://www.passiflora.info>
<http://listserv.surfnet.nl/archives/passiflora-L.html>
<http://mobot.mobot.org/W3T/Search/image/iix203.html>
<http://www.passiflora.ru>
http://groups.yahoo.com/group/Passiflora_Images
<http://www.passionflow.co.uk>
<http://www.henkwooters.myweb.nl>
<http://www.passiebloem.nl>
<http://brazilianplants.cjb.net>
<http://membres.lycos.fr/houelc>
<http://www.passiflorasite.100.nl>
http://www.toms-treibhaus.de/Startseite/Passiflora/_passiflora_.html

Memórias da Minha Terra...



Embalado na magia da ribeira que, ora medonha, ora sonolenta, sussura sempre grande e orgulhosa pelo meio da cidade bonacheira... em quentes verões, nas folgas da sebenta, horas a fio passei eu à sua beira nos jardins da então vila buliçosa...

E a água saltitando corria ao mar...

Cismando como os filósofos d'outrora que decifravam da vida o mais profundo, ou chilreando qual belo passarinho quando desperta radiante aurora, sonhava eu voar, desvendar meio mundo à cata da felicidade em boa hora, ignorando as agruras do caminho...

E os passarinhos trinavam nos ninhos...

Era jovem e... com castelos sonhava... porventura mais alterosos e lindos que o das Poças, nos íngremes rochedos onde o mar azul banhistas afagava, e mil outros teciam sonhos infindos no areal que outrora não findava da nua costa nos sombrios penedos...

E o sol acalentava sonhos doirados...

Em dias de festa, repicavam os sinos exultando fé e boa disposição, e com garbo marchavam bandas musicais que vinham dos mais variados destinos abrilhantar a majestosa procissão em uniformes elegantes e finos, com passos muito solenes e magistras...

E a música empolgava os corações...

Que alegria o povo em festa era ver, bons amigos, todos os entes queridos irmanados, em júbilo genuíno, num só sentir, num só vibrar e num só crer... emocionados e agradecidos a Deus e também ao próximo bendizer nesses dias de homenagem ao Divino...

E ouvia-se o dueto dos sinos e dos foguetes...

Memórias gravadas no meu coração, perenes, imutáveis, eternamente... enquanto palpitar com alento e vida, e raízes tiver no meu natal rincão... enquanto vibrar em mim alma e mente até à minha última exalação, com leal amor as saberei acalentar...

E saudades infindas apertam o coração...

Fernando Soares Silva

A Junta de Freguesia de Conceição deseja



Feliz Natal e próspero ano novo

